

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
BACHARELADO EM LINGUÍSTICA**

A paratopia criadora de Jane Austen: uma autora feminista?

Relatório Parcial – Iniciação Científica

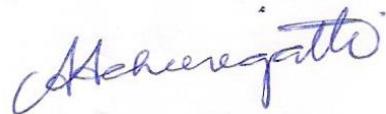
Processo: 2013/07897-6

Aluna: Amanda Aparecida Chieregatti

(3º ano, Bacharelado em Linguística, UFSCar, São Carlos – SP)

Orientadora: Profa. Dra. Luciana Salazar Salgado

Departamento de Letras



São Carlos

2013

Sumário

RESUMO DO PLANO INICIAL	4
RESUMO DAS ATIVIDADES PARCIAIS	5
1. INTRODUÇÃO.....	5
2. APROFUNDAMENTO TEÓRICO	7
Discurso literário, um discurso constituinte	7
Paratopia criadora	8
Discurso feminista	10
3. METODOLOGIA.....	15
4. ENCAMINHAMENTO DA ANÁLISE: RESULTADOS PARCIAIS	17
Jane Austen: breve biografia, obras e contexto sócio-histórico.....	17
A paratopia criadora de Jane Austen	21
O universo feminino em Jane Austen e o possível feminismo	27
5. PLANO DE TRABALHO E CRONOGRAMA	35
6. PARTICIPAÇÕES EM EVENTOS	37
Participação em Grupo de Pesquisa:.....	37
7. SOBRE O DESEMPENHO ACADÊMICO E OUTRAS ATIVIDADES.....	38
8. BIBLIOGRAFIA	38
SITES:.....	40
ANEXOS	

RESUMO DO PLANO INICIAL

O presente trabalho focaliza três obras da autora inglesa Jane Austen (1775 – 1817), *Razão e Sensibilidade* (1811), *Orgulho e Preconceito* (1813) e *Persuasão* (1818), observando o funcionamento da autoria segundo o conceito de *paratopia criadora* proposto por Dominique Maingueneau (2006) e analisando a leitura contemporânea dessas obras, que a refere como pertencentes ao discurso feminista.

Na última década, mesmo passados dois séculos da morte de Jane Austen, sua obra tem sido muito comentada e ganhou uma variedade de adaptações como filmes, seriados e incontáveis releituras, como se seus escritos houvessem sido redescobertos recentemente. Mas não é exatamente o caso, pois as famosas obras de Austen ganham adaptações desde a década de 1930. Então, interessa-nos pôr em relevo esta questão: qual o motivo de toda a comoção em torno dos romances da autora nos últimos anos?

Além de adaptações cinematográficas e televisivas das obras de Austen, e também documentários e filmes sobre a vida da escritora, a circulação de Jane Austen tem uma abrangência ainda maior, suscitando a realização de festivais anuais em homenagem à autora, jogos de videogame ambientados na Inglaterra e contando com a presença de seus personagens mais importantes. Estes são apenas alguns exemplos do modo como Jane Austen e suas obras circulam nos dias atuais, não se limitando apenas a seus preciosos escritos.

Com essa orientação, o objetivo deste trabalho é analisar não apenas as três obras referidas anteriormente como foco, à procura de traços que possam ser entendidos como pertencentes ao discurso feminista, mas também analisar dados pertencentes ao corpus coletado para esta pesquisa, formado por dados biográficos e referentes à recepção contemporânea da obra – incluem-se aqui releituras, adaptações cinematográficas e televisivas, bem como a apropriação dos textos de Austen em debates feministas.

Assim, a perspectiva discursiva com que delimitamos esse conjunto de dados tem como finalidade observar na escrita de Austen o que parecem ser indícios de defesa do direito das mulheres de seu tempo, ainda que a autora não explicitasse uma opinião, considerando a hipótese de que as mudanças históricas ocorridas nos dois séculos transcorridos desde a produção dessa obra é o que nos faz lê-las como uma crítica feminista à sociedade patriarcal. Procurando compreender de que modo as obras de

Austen circulam no século XXI, e como a conjuntura deste século delimita certos tipos de leitura.

Interessa-nos, portanto, investigar o que faz de Austen uma autora tão atual a ponto de mobilizar grupos de estudo, não necessariamente acadêmicos a se reunirem todo ano para colocar em debate assuntos apresentados nas obras da autora. Austen publicou apenas quatro romances em vida, morrendo jovem, aos 41 anos, deixando um legado literário que impulsionou o romance inglês para a modernidade ao defender a liberdade feminina e tratar o simples cotidiano com uma sutil ironia.

RESUMO DAS ATIVIDADES PARCIAIS

1º. de agosto de 2013 a 10 de janeiro de 2014

Os seis primeiros meses desta iniciação à pesquisa foram dedicados às seguintes atividades:

- aprofundamento teórico através da leitura parcial e fichamento da bibliografia básica e leituras coletivas no âmbito do Grupo de Pesquisa Comunica – inscrições linguísticas na comunicação (ANEXO IV) ;
- constituição de parte do corpus através do levantamento de dados biográficos da autora Jane Austen, considerando o modo como são postos à disposição do público, bem como a circulação das adaptações televisivas e cinematográficas de suas obras;
- primeiras análises do corpus,, mobilizando o conceito de *paratopia criadora* com o intuito de entender o funcionamento da autoria no caso dessa escritora;
- levantamento de trechos do material literário que indiciam a perspectiva feminista e da recepção de um dos títulos a serem analisados ao longo desta pesquisa, seguindo a ordem cronológica de publicação: *Razão e Sensibilidade* (1811);
- esboço da análise;
- participação em eventos com apresentação de trabalho na modalidade “pôster”.

1. INTRODUÇÃO

Com base no quadro teórico da Análise do Discurso de tradição francesa, e partindo da hipótese de que há traços de discurso feminista na obra da escritora inglesa

do século XIX Jane Austen, mobilizamos a noção de *paratopia criadora* proposta por Dominique Maingueneau a fim de identificar tais traços em três títulos da autora: “*Razão e Sensibilidade*”(1811), por ser sua primeira obra publicada, “*Orgulho e Preconceito*”(1813), por se tratar de sua obra mais famosa, e “*Persuasão*”(1818), por ter sido publicada postumamente. Acreditamos que, com essa delimitação, os três títulos são efetivamente representativos do que pode ser referido como *conjunto da obra*, posto que são representativos de diferentes momentos de produção e de recepção. Para tanto, temos em vista o contexto social e histórico da Inglaterra do século XIX, que abrangeu a primeira onda do movimento feminista, que lidou prioritariamente com o direito de voto das mulheres e os direitos trabalhistas e educacionais que se delineavam como uma necessidade durante a Revolução Industrial. Com isso, procuramos apontar nesses textos traços que nos pareçam feministas e que, de alguma forma, representam uma crítica à sociedade, de modo a compreendermos o funcionamento dessa autoria: a autora é aclamada ainda hoje pela descrição que faz da sociedade rural inglesa, assim como pela força de sua narrativa e pela interação entre as personagens, destacando o que podemos chamar de “identidade feminina” ou “voz da mulher”, por meio da criação de personalidades obstinadas, independentes e ousadas, que, contrariando a cultura em que estavam inseridas, não se deixavam pressionar pelo ideal da estabilidade obtida por meio de um bom casamento. Dessa forma, Austen acabou por ganhar a admiração de leitores e críticos desde a publicação de seu primeiro romance, dois séculos atrás.

Até meados do século XX, nas sociedades patriarcas, hegemônicas em quase todo o planeta, a mulher enquanto escritora era desmoralizada e desacreditada, por isso havia a necessidade de um certo *mascaramento* dos ataques ao que se definia, nessa formulação discursiva, como um ponto de vista machista, obstaculizador da defesa dos direitos das mulheres. Possivelmente o modo como essas manobras de mascaramento forma levadas a cabo por Austen e o que a faz ser aclamada ainda hoje como uma autora à frente de seu tempo.

Abordamos, neste trabalho, a obra de Austen na perspectiva de um discurso literário, segundo Maingueneau (2006), um *discurso constituinte*, conforme desenvolvimentos adiante. Abordamos, ainda, os costumes e hábitos não-escriturísticos que, segundo essa perspectiva teórica, afetam a produção textual, e exploramos o seu funcionamento, levando em conta as relações entre as três instâncias constitutivas da *paratopia criadora: escritor, inscrito e pessoa*.

2. APROFUNDAMENTO TEÓRICO

Discurso literário, um discurso constituinte

Ao abordar a obra de Austen na perspectiva de um discurso literário, apoiamos-nos sobre a noção de discurso literário e o conceito de discurso constituinte apresentado por Maingueneau (2006, 2010). Os discursos constituintes, segundo o teórico, mantêm um discurso sobre o mundo produzindo sua própria presença nesse mundo, sendo capazes de transcender o contexto no qual são produzidos, e seus conteúdos configuram a própria gestão de seu contexto. Esses discursos se textualizam como se não recorressem a outros discursos, como se fossem a fonte de si mesmos ou como se tivessem um contato direto com o Absoluto, pois, uma vez que apenas eles se autorizam a si mesmos, eles precisam, necessariamente, se apresentar como ligados legitimamente a uma Fonte. Por exemplo, o discurso filosófico apresenta-se como proveniente diretamente da Razão; o discurso religioso como proveniente de Deus (ou deidades); o discurso literário é, assim, um discurso constituinte porque se põe como proveniente da Arte. Estes seriam os discursos constituintes prototípicos, cujos efeitos de sentido são de uma unidade baseada na autorização que seus locutores têm para dizer o que vem da Fonte.

De acordo com Maingueneau (2006), a noção de discurso constituinte, ao mesmo tempo em que supõe propriedades comuns aos discursos que dela advêm, afirma a diversidade irredutível deles, e afirma que cada um desses discursos assume e gera a constituência de uma maneira específica. Assim, a literatura é considerada um discurso constituinte ainda que comparemos “constituinte” com “fundador”.

É nas formas literárias que se tem de tornar manifesto o pensamento que a literatura produz. Assim, a obra literária não pode ser traduzida para outro plano de expressão, pois ela é sede de um pensamento que se enuncia sem atribuir a si mesma as marcas de legitimidade.

A noção de discurso literário como discurso constituinte, ao fundamentar a ruptura com as noções românticas e modernistas do texto literário, propõe a literatura como discurso auto-legitimador.

O discurso constituinte é aquele que se propõe como discurso original e sua pretensão é a de fundar e não ser fundado. Segundo Maingueneau (2010, p. 158), “Eles são simultaneamente auto e heteroconstituintes: só um discurso que se constitui

legitimando rigorosamente sua própria constituição pode exercer um papel constituinte em relação a outros discursos.”

Maingueneau (2006, p. 62) explica que a constituição do discurso constituinte supõe duas dimensões indissociáveis:

- a constituição como ação de estabelecer legalmente, como processo mediante o qual o discurso se instaura regrando sua própria emergência no interdiscurso;
- os modos de organização, de coesão discursiva, a constituição no sentido de estruturação de elementos que compõem uma totalidade textual.

Em todo caso, como todo discurso, mesmo constituinte, o discurso literário mantém relação com uma memória, neste caso, com um certo arquivo literário impregnado, implícita ou explicitamente, por valores legados por uma tradição. Pensar em discurso constituinte é pensar em estruturas textuais universais, temas que refletem sobre a sociedade amplamente: verdade, beleza, existência, entre outras tópicas fundamentais. Nessa conjuntura, a problemática da autoria se coloca com toda força, e os discursos constituintes são, por natureza, discursos paratópicos.

Um discurso constituinte não mobiliza somente os autores, mas uma variedade de papéis sociodiscursivos encarregados de gerir os enunciados, por exemplo, no caso da literatura, as críticas literárias de jornal, os professores, as livrarias, os bibliotecários etc. (MAINGUENEAU, 2006, p. 69)

O discurso literário mantém uma dupla relação com o interdiscurso. De um lado as obras precisam de outros textos como apoio (citações, imitações, tipos de gênero), já por outro lado, essas mesmas obras se expõem à interpretação.

Paratopia criadora

A *paratopia criadora*, conceito proposto para indicar um pertencimento impossível à instituição literária, é uma dinâmica que se estabelece entre as três instâncias que forjam uma unidade autoral e que só existe “mediante uma atividade de criação e de enunciação.” (MAINGUENEAU, 2006, p. 109). É através desse conceito, o de paratopia criadora, que é possível situar as relações entre o escritor e a sociedade, o escritor e sua obra, a obra e a sociedade. Temos por paratopia criadora um conjunto de três instâncias constitutivas da autoria. São elas: *pessoa, escritor e inscrito*.

Segundo Maingueneau (2006, p. 89), apesar de a doxa da estética romântica privilegiar a singularidade do criador, de modo a minimizar o papel dos destinatários e negar a estrutura do ato de comunicação, “para produzir enunciados reconhecidos como literários, é preciso apresentar-se como escritor, definir-se com relação às representações e aos comportamentos associados a essa condição”.

De acordo com Maingueneau (2006, p. 108), “O escritor é alguém que não tem um lugar/uma razão de ser (nos dois sentidos da locução) e que deve se construir o território por meio dessa mesma falha.” A paratopia é uma negociação entre o lugar e o não-lugar, e sua existência só é possível se integrada a um processo criador:

A paratopia envolve o processo criador, que também a envolve: fazer uma obra é, num só movimento, produzi-la e construir por esse mesmo ato as condições que permitem produzir essa obra. Logo, não há “situação” paratópica exterior a um processo de criação: dada e elaborada, estruturante e estruturada, a paratopia é simultaneamente aquilo de que se precisa ficar livre por meio da criação e aquilo que a criação aprofunda; é a um só tempo aquilo que cria a possibilidade de acesso a um lugar e aquilo que proíbe todo pertencimento.(MAINGUENEAU, 2006, p. 109)

No processo de criação, a paratopia une o autor à obra, de forma que há nela características da sociedade em que o autor/escritor está inscrito, assim, obra e sociedade são relacionados sem que se abandone em alguma medida a consciência do autor.

As instâncias que Maingueneau (2006,2010) denomina constitutivas da autoria são, mais detidamente: a instância *pessoa*, o autor enquanto indivíduo, enquanto membro de uma família e de um círculo social, que se reúne ou não com amigos; a instância *escritor*, que se refere à circulação da obra, aquilo a que Maingueneau dá o nome de “modo de difusão”, que “vai de mãos dadas com o modo de consumo do discurso, isto é, com o que se ‘faz’ dos textos, como eles são lidos, manipulados...” (MAINGUENEAU, 2008, p. 134); e a instância *inscritor*, que engloba os ritos genéticos, isto é “o conjunto de atos realizados por um sujeito em vista de produzir um enunciado” (MAINGUENEAU, 2008, 132), ou seja, tudo o que o autor, enquanto escritor, mobiliza na constituição de sua obra, o fato de a obra ser publicada anonimamente ou não, sob pseudônimo ou não, bem como todos os ritos editoriais dispensados a ela.

Essas instâncias são interdependentes e só na sua conexão tripla é que definem a autoria. Em outros termos, trata-se de entender que “os escritores produzem obras, mas

escritores e obras são, num dado sentido, produzidos eles mesmos por todo um complexo institucional de práticas” (MAINGUENEAU, 2006, p. 53).

A noção de “inscrição” supõe uma referência às modalidades de suporte e de transporte dos enunciados. Assim, não é possível se contentar em falar da “difusão” de um “conteúdo” que seria independente do dispositivo de transmissão: as condições de circulação de um discurso integram sua identidade assim como seu conteúdo. Ao invés de opor esses conteúdos aos modos de difusão, é preciso conceber um dispositivo em que há a articulação entre a maneira de dizer e um modo de veiculação dos enunciados, de modo que haja uma relação entre os homens e os discursos. Isto é válido para todo discurso, mas adquire uma feição específica em se tratando de discursos constituintes: basta ver como as modificações na circulação dos textos científicos modificam o exercício mesmo da ciência. O sentido não está fechado no texto, pelo contrário, ele implica a conjuntura.

Discurso feminista

Em linhas gerais, costuma-se abordar a organização do movimento feminista em fases a partir do final do século XIX, quando se delineia o que muitos autores chamam de “Primeira Onda Feminista”. Nesse período, no Reino Unido principalmente, acompanhando o desenvolvimento da urbanidade industrial, além das reivindicações relativas a papéis familiares (como o fim do casamento arranjado) e às condições de contratação trabalhista (as mulheres ganhavam menos do que os homens em todo o período da Revolução Industrial, embora fossem mão-de-obra necessária e massiva), ganharam relevo as contestações sobre o poder político. Proibidas de votar e, mais ainda, de candidatarem-se, continuavam as campanhas pelos direitos sexuais, econômicos e reprodutivos, mas cada vez mais se levantavam em nome da representação política (Cf. ALVES ; PITANGUY, 1991).

Considera-se que essa “onda feminista” foi longa, demorando a obter avanços concretos, por se tratar do rompimento de paradigmas históricos complexos, estruturas sociais há muito estabelecidas. As mulheres (e, cada vez mais, os homens simpatizantes de sua causa) engajavam-se em muitas lutas do período. Por exemplo: nos Estados Unidos, as manifestações das mulheres incluíam um apelo ao fim da escravidão no país (Cf. FARIA; NOBRE, 1997).

A obra de Austen é anterior a este período, já que a autora viveu entre 1775 e 1817 e o termo *feminismo*, por sua vez, foi primeiro empregado nos Estados Unidos por volta de 1911, principalmente por escritores (de ambos os sexos) que começaram a utilizá-lo para referirem-se ao movimento na longa história das lutas pelos direitos e liberdades das mulheres, ao invés de utilizar expressões do século XIX, tais como *movimento das mulheres* e *problemas das mulheres*. Neste projeto, pretendemos compreender de que modo a obra dessa autora, embora anterior ao *feminismo*, parece se enquadrar nessa conjuntura.

Segundo Garcia (2011), não existe apenas um tipo de feminismo, pois as correntes de pensamento que o compõem são diversas e ele é construído pelo fazer e pensar de milhares de mulheres pelo mundo, diferentemente de outras correntes de pensamento político.

Apesar de o movimento feminista propriamente dito ter se delineado a partir do final do século XIX, começando pela “Primeira Onda Feminista”, também conhecido como *Sufragismo*, apresentaremos um breve resumo do que podemos chamar de “processo” que desencadeou, ao longo dos séculos, a insatisfação feminina com a desigualdade relacionada a questões de gênero. Com isso, não pretendemos fazer uma historiografia exaustiva, evidentemente, mas considerar aspectos importantes da memória discursiva dos movimentos de mulheres. Passamos, assim, brevemente por pontos nodais dessa memória discursiva tecida complexamente, com avanços e recuos em conjunturas diversas.

Como aponta Garcia (2011), no Renascimento (mais precisamente entre os séculos XIV e XVI), as mulheres eram consideradas “naturalmente inferiores” aos homens, portanto, destinadas a obedecer-lhes, sem qualquer tipo de autonomia ou cultura letrada. Porém, o culto renascentista à inteligência gerou diversos tratados pedagógicos e abriu espaço para debates relacionados à função de cada sexo e seus respectivos papéis sociais. Esse debate se estendeu durante séculos e é chamado de “*Querelle des femmes*”.

A Reforma protestante, por sua vez, ocorrida em meados do século XVI, foi outro fator que colaborou para o desenvolvimento de um pensamento autônomo das mulheres, já que a Reforma afirmava a existência da “consciência-indivíduo e o sacerdócio universal de todos os verdadeiramente crentes frente à relação hierárquica com Deus” e, consequentemente, “abriu portas à interrogação das mulheres “*porque não as mulheres?*”” (GARCIA, 2011, P. 30)

Ancorando-se no Unitarismo, que pregava a unidade absoluta de Deus e a liberdade de cada indivíduo para buscar sua Verdade, várias mulheres buscaram defender sua individualidade frente ao poder patriarcal e, uma vez que o Espírito Santo era capaz de levá-las ao celibato, elas estariam livres da dominação que seus maridos exerciam sobre sua consciência. Porém, muitas adeptas da teoria foram acusadas de bruxaria ou pactos com o demônio e queimadas na fogueira.

Na França, a partir do século XVII, deu-se início ao que chamamos de *salões*, espaços públicos que, por fugirem da superficialidade e do mero entretenimento, tinham caráter intelectual, eram ambientes capazes de gerar novos valores sociais. Esses ambientes ofereciam ao escritor, por exemplo, uma relação direta com o corpo social sem que fosse necessário fazer parte de qualquer grupo de artistas.

O salão tem, tal como a literatura, um lugar que, para além das famílias e das corporações, atenua a dominação das mulheres, dedica-se a atividades ritualizadas, aparentemente avessas a toda utilidade, ao exercício do poder, à produção ou ao comércio. (MAINIGUENEAU, 2006, p. 96)

Essas reuniões contribuíram para que a atitude da cultura masculina em relação às mulheres mudasse, ainda que parcialmente, um exemplo disso é a publicação de alguns livros na França a respeito desses grupos, escritos por homens: *O grande dicionário das preciosas*¹ de Somaise (1661), *O círculo das mulheres sábias* de Jean da la Forge (1663), entre outros.

Nesses salões seiscentistas, delineou-se uma atitude inconformista com as ideias a respeito da inferioridade natural do sexo feminino, e as mulheres que frequentavam esses grupos, principalmente *as preciosas*, defendiam a igualdade feminina e sua capacidade para o pensamento crítico e de tratar assuntos sérios como filosofia; defendiam, principalmente, o acesso à cultura escrita, além de criticar fortemente a sujeição feminina aos códigos sociais.

A especificidade da contribuição dos salões do século XVII ao feminismo se encontra no fato de que graças a eles a polêmica feminista deixa de ser uma discussão provada entre teólogos e moralistas e passa a ser um tema de opinião pública. (GARCIA, 2011, p. 35)

¹ Preciosismo foi um movimento que, ao mesmo tempo em que se apresentava como modelo de comportamento e uma corrente literária, também era um movimento sobretudo feminino, que abordava temas que iam além do âmbito da cultura.

Nesse primeiro momento, não se tratou de um movimento, propriamente dito, mas de um momento de reflexões sobre as condições das mulheres, mais especificamente sobre sua submissão em relação aos homens.

A literatura dos séculos XVIII e XIX coloca alguns papéis para a mulher: mulher de família, reproduutora, de comportamento exemplar, principalmente a literatura escrita pelos homens, assim, o que acontece no século XIX é que algumas mulheres começam a escrever refletindo sobre essas condições femininas. Isso, por sua vez, vai influenciar toda uma geração de mulheres, que vão pensar a respeito disso e agir para conseguir direitos, para conseguir uma representatividade política, e isso se intensificará no final do século XIX, com a participação de mulheres que não eram intelectuais.

No que se refere à Inglaterra do século XVIII, não podemos deixar de mencionar o nome de Mary Wollstonecraft, uma das precursoras do feminismo no país. Nascida em Londres no ano de 1759, Mary aprendeu a ler apenas aos 14 anos e aos 19 saiu de casa para viver com um rico negociante. Apenas com essas poucas informações sobre a feminista já é possível perceber o quanto longe dos padrões e códigos sociais Wollstonecraft se encontrava. Mary Wollstonecraft era considerada feminista, não por ser politicamente atuante, porque o movimento ainda não existia, mas porque ela escrevia sobre o assunto, o que na época já era suficiente para ela ser bastante criticada pelos setores mais tradicionais da sociedade. Em 1787 sua primeira obra veio à público e, intitulada *Reflexões sobre educação de filhas*, era um livro que analisava as muitas restrições educacionais impostas às jovens, mantidas em um estado contínuo de ignorância e dependência, além de criticar a imposição de que as moças fossem dóceis e dedicadas à aparência. Já em 1790, sua obra mais importante e talvez mais polêmica foi publicada, *A reivindicação dos direitos da mulher*, onde as bases do feminismo moderno estão lançadas. Nessa obra, Wollstonecraft afirma que o casamento é uma espécie de *prostituição legal* e que as mulheres, sendo *escravos convenientes*, só podem continuar livres mantendo-se longe do altar.

Não podemos esquecer que nessa época Jane Austen já era uma jovem de 15 anos, podendo, portanto, ser influenciada por essas ideias. Mesmo em se tratando de deduções, as chances de Austen ter tido acesso às polêmicas obras de Wollstonecraft são grandes; porém, ainda se considerarmos essa possibilidade como remota, a situação da mulher apresentada e criticada por Mary Wollstonecraft em suas obras é a mesma em que Jane Austen estava inserida: o casamento como único objetivo e único destino da

mulher, como uma negociação, realizado quase que estritamente por conveniência, fosse por questões sociais ou econômicas, também fazia parte da realidade de ambas.

Além disso, é Mary Wollstonecraft que introduz dois conceitos fundamentais que ainda são manejados pelo feminismo no século XXI: a ideia de *gênero* e ideia de *discriminação positiva* ou *ação afirmativa*. Wollstonecraft começa a tratar como *privilegio* aquilo que os homens tinham como *natural*: o poder exercido pelos homens sobre as mulheres.

A Primeira Onda Feminista (Sufragismo) teve início no século XIX e avançou para o século XX. Esse período abordou uma grande atividade feminina desenvolvida, principalmente no Reino Unido e nos Estados Unidos, onde as principais insatisfações eram relacionadas às diferenças contratuais, aos casamentos arranjados, e, entre suas reivindicações, estavam os direitos sexuais, econômicos e reprodutivos. A Primeira Onda ganhou destaque ainda no final do século XIX, e seu ativismo passou a contestar a constituição do poder político, revindicando o direito ao voto e oportunidade de estudo. Apenas no século XX é que os resultados desse movimento começaram a surgir, o direito ao voto, por exemplo, foi permitido às mulheres (embora apenas às mulheres a partir de 30 anos) no Reino Unido a partir de 1918.

A Segunda Onda Feminista, considerada uma continuação da *onda* anterior, se refere a um período da atividade feminista entre as décadas de 1960 e 1980. Tendo a primeira onda focado em direitos como o sufrágio, a segunda se preocupava principalmente com questões de igualdade e o fim da discriminação. As feministas de segunda onda viam as desigualdades culturais e políticas das mulheres como ligadas permanentemente, e encorajavam-nas a compreenderem aspectos de suas vidas pessoais como sendo profundamente politizados, e refletindo as estruturas de poder sexistas.

Nesse período, mais especificamente em 1963, a feminista americana Betty Friedan lançou o livro *A mística feminina*, obra na qual analisou a insatisfação das mulheres norte-americanas consigo mesmas e com sua vidas. Segundo Garcia (2011, pp. 83-84), a *mística feminina* “identifica a mulher como mãe e esposa e com isso cerceia toda possibilidade de realização pessoal e culpabiliza todas aquelas que não são felizes vivendo somente para os demais”, e “foi como um detonador de um novo processo de conscientização feminina ao criar uma identidade coletiva capaz de gerar um movimento social libertador.”

Dentro do feminismo surgiu diversas correntes e, no período que abrange a Segunda Onda Feminista, surgiu duas correntes ideológicas que chamamos de

Feminismo Liberal e *Feminismo Radical*. A primeira se caracteriza por definir a situação da mulher como desigual em relação aos homens e postula a reforma do sistema até conseguir a igualdade entre os sexos. Essa corrente surgiu em 1966, quando Betty Fridan fundou a Organização Nacional para Mulheres (NOW), que chegou a ser uma das organizações feministas mais importantes dos Estados Unidos. A segunda, por sua vez, afirma que a origem de toda opressão está no sexism e foca na teoria do patriarcado como um sistema de poder que organiza a sociedade em um complexo de relacionamentos baseados na suposição da "inferioridade feminina" e da "superioridade masculina" como base para a "supremacia masculina. Como aponta Garcia (2011, p. 87), em relação aos fundamentos teóricos dessa corrente, há duas obras principais ancoradas no marxismo: a *Política social* de Kate Millet e a *Dialética da sexualidade* de Shulamith Firestone, ambas publicados em 1970. Essa corrente não queria apenas ganhar espaço público, mas também transformar o espaço privado.

Por fim, a Terceira Onda Feminista começou no início da década de 1990, e diferentemente da Segunda Onda, é considerada uma resposta às falhas da onda anterior e não sua continuação. O feminismo da Terceira Onda desafia as definições essencialidelineadas pela Segunda Onda, que focava, principalmente, nas experiências das mulheres brancas de classe média-alta. A Terceira Onda apresentou o que chamamos de *Feminismo da Diferença*, que argumenta haver diferenças significativas entre os sexos, e essas diferenças é que eram o caminho para a liberdade, assim, trata-se do combate à desigualdade no reconhecimento das diferenças.

O feminismo, configurado como o conhecemos hoje, desenvolveu quatro conceitos-chave: androcentrismo, patriarcado, sexism e gênero, a fim de destacar os mecanismos de exclusão a que as mulheres são submetidas e propor soluções para modificar essa realidade. O objetivo do feminismo é acabar com o patriarcado como forma de organização política.

3. METODOLOGIA

Conduzimos este trabalho a partir de fichamentos e resenhas de textos e capítulos do aporte teórico, sobretudo os livros *Gênese do Discurso* (1984), *Discurso Literário* (2006) *Doze conceitos em análise do discurso* (2010), de Dominique Maingueneau. No que se refere à teoria feminista, realizamos a leitura de artigos relacionados ao movimento

feminista desde seu processo de emergência no Renascimento, além do livro *Breve história do Feminismo*, de Carla Cristina Garcia (2011, São Paulo: Claridade), seguido de consultas alguns títulos sugeridos na sua bibliografia.

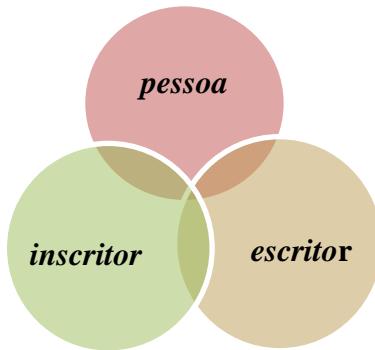
Após este aprofundamento teórico, realizamos a compilação do *corpus*, composto por dados biográficos da autora, já apresentados neste relatório, lista de livros, baseados nas obras e na vida de Jane Austen, bem como adaptações cinematográficas e televisivas de suas seis obras, blogs e sites dedicados à escritora, entre outras formas em que há a circulação de Jane Austen e suas obras na contemporaneidade, além das obras analisadas nesta pesquisa.

Pensando na dinâmica da produção literária como formada por três planos – espaço, campo e arquivo –, Salgado (2010, p. 257) observa, com base em Maingueneau (2006, 2012), que “a unidade do lugar de autor [é] feita de aspectos pessoais (...); aspectos ligados a um reconhecimento social do pertencimento à dinâmica acima descrita (...); e de aspectos do trabalho com o material linguístico propriamente (...)”, respectivamente as instâncias constitutivas da autoria: *pessoa*, *escritor* e *inscrito*.

Dessa forma, como apresentaremos mais adiante, os dados biográficos coletados na constituição do corpus compõem a instância *pessoa* da autoria de Jane Austen, apresentando traços da vida que levava, de suas relações e experiências; a circulação de sua obra, bem como dos dados biográficos que atestam seu pertencimento à vida social do período, compõem a instância *escritor*; e, por fim, seus textos propriamente ditos, todo material escrito destinado à circulação pública, compõem a instância *inscrito*.

Apresentamos a seguir, uma representação gráfica (conforme proposta por Salgado (2010)), do entrelaçamento dessas instâncias da paratopia. É possível que após a análise de trechos da obras de Austen (instância *inscrito*), a fim de identificar e analisar excertos que possam ser referidos como pertencentes ao discurso feminista ou que ao menos permitam essa leitura, bem como a análise das outras duas instâncias, *pessoa* e *escritor*, essa representação se modifique.

Pensa-se aqui numa estrutura de nó borromeu; os três anéis deste se entrelaçam de modo que, se se rompe um dos três, os dois outros se separam. É-se sempre tentado a reduzir o nó a um de seus anéis: *a pessoa*, para a história literária, seja ela sociologizante ou psicologizante; *o escritor*, para as pesquisas sobre as instituições literárias; *o inscrito*, para os adeptos da obra ou do texto em detrimento de tudo mais. (MAINGUENEAU, 2006, p. 137)



4. ENCAMINHAMENTO DA ANÁLISE: RESULTADOS PARCIAIS

Jane Austen: breve biografia, obras e contexto sócio-histórico

Tudo o que se sabe sobre a vida de Jane Austen baseia-se nos relatos contidos nas cartas trocadas entre a autora e sua irmã Cassandra, que, atualmente, estão expostas na Casa-Museu Jane Austen, em Chawton, e na biografia da autora escrita pelo sobrinho James Edward Austen-Leigh, publicada pela primeira vez em 1869.

Dessa forma, as informações contidas nessas fontes são reproduzidas à exaustão ainda hoje, de modo que em uma simples busca em qualquer navegador, há uma quantidade enorme de dados referentes à biografia da autora. Assim, a breve biografia apresentada a seguir é baseada em artigos encontrados em sites e blogs dedicados à autora, cujas referências estão indicadas ao final deste relatório, e, também, em prefácios de Ivo Barroso e Rodrigo Breunig presentes nas edições das obras de Austen da Coleção L&PM Pocket, publicada pela editora L&PM Editores em 2013.

Jane Austen nasceu em 16 de dezembro de 1775 e era a sétima dentre os oito filhos do Reverendo George Austen e Cassandra Leigh. Sua família não era rica, mas tinha uma vida estável devido aos ganhos de seu pai, no cargo de reitor local da Igreja Inglesa e tutor de alguns jovens que viviam sob o seu teto como seus pupilos e dos quais ele era responsável pela educação e formação.

Os irmãos de Jane Austen eram: o mais velho, James (1765-1819) foi mandado para Oxford aos 14 anos e ordenado anos depois, e George (1766-1838), considerado o irmão esquecido, já que aos dez anos de idade foi enviado para uma pequena aldeia de Hampshire para ser cuidado por um casal de primos, e enquanto os Austens

contribuíram para sua manutenção, ele não foi mencionado em sua correspondência e muito pouco se sabe dele; Edward (1767-1852) foi adotado no início da década de 1780 por um casal de primos da família que não tinha filhos, e mais tarde adotou o sobrenome da família Knight; Henry (1771-1850) era o irmão favorito de Jane, estudou em Oxford e tornou-se um ministro calvinista; Cassandra Elizabeth (1773-1845) era a única irmã de Austen e sua confidente, o que pode ser notado pela grande quantidade de cartas trocadas entre ambas; Francis (1774-1865) e Charles (1779-1852), que entraram para a Academia Real da Marinha quando tinham doze anos, lutaram durante o período das guerras napoleônicas e ambos tornaram-se almirantes (o que pode ter inspirado a autora a mencionar os soldados e as tais guerras em suas obras).

Assim como seus personagens, Jane Austen cresceu em uma zona rural na Inglaterra entre a classe abastada e religiosa, onde suas obras são ambientadas. Em 1783, Jane e sua irmã Cassandra foram mandadas para a casa de Mrs. Cawley, irmã de um de seus tios, para receberem formação. Primeiro moraram em Oxford e depois se mudaram para Southampton, onde permaneceram até ocorrer um grande surto de crupe² que as obrigou a voltar para casa, como aponta Ivo Barroso no prefácio de *A Abadia de Northanger*. Por volta de 1785, as duas irmãs foram para um internato em Abbey, para aprenderem a ler. O restante da educação ocorreu em casa, onde receberam lições de desenho, bordado, piano e outras atividades que eram consideradas essenciais a uma dama, que as tornavam prendadas e aptas a um bom casamento.

Segundo as cartas trocadas entre Jane e Cassandra, nota-se que a primeira sempre gostou dos eventos sociais, bailes e festas, que estão sempre presentes em suas obras, assim como experiências de suas visitas a Londres, Bath e Southampton, que também são relatadas em suas cartas à sua irmã Cassandra. Nas mais de 100 cartas trocadas entre as irmãs que resistiram ao tempo, há indícios de que em sua adolescência, aproximadamente em 1795, a autora estava mantendo flertes com dois homens diferentes, Mr. Heartley e Mr. Thomas Lefroy, um parente irlandês de uma velha amiga, Mrs. Anne Lefroy, embora não haja evidência de que tenha sido algo sério. Dados que, revelados, apontam para uma mulher que não seguiu simplesmente a cartilha de seu tempo.

O fato é que Austen nunca se casou, embora tenha recebido e aceitado uma proposta de casamento em 1802, tendo voltado atrás no dia seguinte. Não se sabe o

² Doença infecciosa da garganta, descrita então como *putrid sore throat* (infecção pútrida da laringe),

motivo do aceite e menos ainda da posterior recusa. Especula-se sobre o fato de Cassandra ter destruído parte das cartas recebidas de Jane como uma forma de proteger a imagem da irmã e impedir que certos segredos fossem revelados, principalmente em relação a possíveis flertes da autora e sua vida amorosa como um todo.

Em 1801 a família mudou-se para Bath. Com a morte do pai em 1805, Jane, Cassandra e a sra. Austen passaram a receber ajuda dos irmãos, uma vez que sofriam restrições impostas pelas convenções sociais, nas quais a mulher era excluída da possibilidade de receber herança ou mesmo exercer algum trabalho remunerado. Em 1806 mudaram-se para a casa do irmão Frank (Francis) em Southampton. Em 1809 mudaram-se para uma casa em Chawton, onde seu irmão Edward, agora com o sobrenome Knight, lhes tinha cedido uma propriedade, que hoje abriga uma casa-museu sobre a vida da autora. Foi sua última morada, onde permaneceu até sua morte aos 41 anos.

Já em março de 1816, ela adoecera e, no mês seguinte, se mudou para Winchester em busca de tratamento médico, mas com uma doença não diagnosticada, faleceu em 18 de julho de 1817. Supõe-se que ela sofria de uma doença chamada Mal de Addison³, que na época não era conhecida. Ela foi enterrada na Catedral de Winchester, em 24 de Julho de 1817. E como era costume naquela sociedade, sua irmã Cassandra não pode comparecer ao enterro, pois as mulheres solteiras não podiam ir aos funerais.

A autora viveu toda sua vida com a mãe e a irmã, sendo auxiliadas por um dos irmãos. Talvez por isso Austen tenha decidido publicar seus livros, que, em um primeiro momento, eram escritos para entretenimento da família. Buscando obter alguma renda, publicou sob o pseudônimo “By a Lady”, já que a atividade de escritor não era bem vista pela sociedade.

Jane Austen escreveu seu primeiro romance entre os 19 e 20 anos de idade, o qual intitulou *Lady Susan*. O livro foi comprado por um editora e, embora a autora tenha aguardado por sua publicação, o livro foi publicado apenas após sua morte. Sua primeira obra publicada foi *Sense and Sensibility* (1811), em português *Razão e Sensibilidade*, cujo sucesso levou à publicação, ainda que sob pseudônimo, de obras anteriormente recusadas, como foi o caso de *First Impressions*, escrito em 1797 e

³ Doença caracterizada pela produção insuficiente dos hormônios da glândula supra-renal ou adrenal (glândula situada acima do rim) que apresenta um quadro clínico bastante característico descrito por um médico inglês chamado Thomas Addison, em 1849, motivo pelo qual leva o seu nome até os dias atuais. Foi descrita em uma publicação de 1855, décadas após a morte de Austen.

inicialmente mal visto pelos editores, publicado apenas em 1813 sob o título *Pride and Prejudice*, em português *Orgulho e Preconceito*, que se tornou sua obra mais conhecida. Vieram ainda outros grandes sucessos como *Mansfield Park* (1814) e *Emma* (1816), suas últimas obras publicadas em vida que não tiveram seus títulos traduzidos quando publicados no Brasil.

Seus romances *Persuasion* (1818), em português *Persuasão*, e *Northanger Abbey* (1818), em português *A Abadia de Northanger*, foram preparados para publicação pelo irmão Henry Austen e publicados em uma edição com um prefácio assinado por ele, anunciando a morte da autora.

Além das seis obras citadas acima e pelas quais a autora ficou mundialmente conhecida, Austen escreveu obras curtas como *The Watson* que começou a ser escrita em 1804 mas foi deixada incompleta e finalizada por sua sobrinha Catherine Hubback, que publicou a obra na metade do século XIX com o título *The Younger Sister* (sem publicação no Brasil); *Sandition*, iniciada em 1917 e também deixada incompleta; e outras obras escritas na juventude que não foram publicadas.

Jane Austen jamais se declarou feminista nem tampouco se inseriu em debates políticos de seu tempo. Porém, ela nasceu em 1775 e morreu em 1817, vivendo em um período que abrange as últimas décadas do século XVIII e as primeiras do século XIX, marcado pelas Guerras Napoleônicas, pelo crescimento do Império Britânico e pela Revolução Industrial. Inserida nessa realidade, a escrita de Austen colocou em questão muitos dos valores predominantes em sua época, inclusive no que se refere aos papéis sociais atribuídos a homens e mulheres. Nessa época, não havia nenhum movimento organizado de mulheres e eram poucas as que questionavam direitos e tradições. Porém, a primeira onda do feminismo só aconteceria no final do século XIX e início do século XX, muito tempo depois da morte de Austen. Em todo caso, a recepção de sua obra lhe dá o crédito de revolucionária em seu modo de escrever e construir suas personagens. É essa relação que interessa examinar aqui: características formais de seus textos na relação com os conteúdos abordados e com as leituras de sua obra, que há séculos são feitas em uma chave libertária e mesmo feminista.

A paratopia criadora de Jane Austen

Como dito anteriormente, a noção de *paratopia criadora* pressupõe o entrelaçamento entre três instâncias constitutivas da autoria: *pessoa*, *escritor* e *inscrito*. Assim, apresentaremos a noção teórica elaborada por Maingueneau (2006, 2010) e iniciaremos as análises preliminares do corpus.

Primeiramente, delimitaremos as três instâncias que compõem a autoria de Jane Austen por meio da coleta do *corpus* composto por dados biográficos da autora, textos e informações referentes à publicação das obras de Austen e sua circulação na contemporaneidade, além das obras analisadas nesta pesquisa, a fim de compreender seu funcionamento.

A instância *pessoa* engloba o que apresentamos em “Jane Austen: breve biografia, obras e contexto sócio-histórico do século XIX”, ou seja, tudo o que consideramos como dado biográfico, o fato de a autora ser de uma família grande, de ser filha de um reverendo, de ter crescido disposta de uma modesta biblioteca particular, de depender dos irmãos após a morte do pai, por conta do contexto social da época, entre outros aspectos de sua vida pessoal. Importante notar que não se trata de buscar na biografia a explicação da obra ou na obra a explicação da vida, mas de levar em consideração, de uma perspectiva discursiva, que a delimitação de um lugar de fala institucionalizado pressupõe dados da história de uma vida que são mobilizados nessa institucionalização: o autor que publica (uma condição institucionalizada conforme a conjuntura de um dado período) toma a palavra em um projeto de criação que visa à circulação pública, visa à interlocução social, inscreve-se, portanto, numa dinâmica interlocutiva a partir de condições dadas, manobrando nas injunções delimitadoras da autoria. A instância *pessoa*, nesse modelo teórico, tem a ver, então, com os indícios de que um sujeito histórico manobra nessas injunções.

Como afirma Maingueneau (2008, p. 136), “A denominação “a pessoa” refere-se ao indivíduo dotado de um estado civil, de uma vida privada (...) passível de uma biografia.”

A instância *escritor*, até este ponto do trabalho de coleta de dados, está se mostrando a mais ampla. Em uma busca rápida em qualquer navegador na internet, é possível encontrar uma lista bastante extensa da circulação contemporânea da obra de Austen. Além das diversas publicações, reedições ou edições especiais e comemorativas das aclamadas obras, a quantidade de releituras de seus livros é quase incontável. Essa

dimensão do modelo teórico diz respeito ao gerenciamento da condição de autor que publica: como circula; se é resenhado, por quem é resenhado; se é traduzido, por quais editoras; se dá entrevistas; se é citado, de que modo; se é remixado, sofre mash up etc. Ou seja, é a instância que diz respeito diretamente à recepção, mais precisamente, à dinâmica de recepção de uma obra.

O escritor é alguém que não tem um lugar/uma razão de ser (nos dois sentidos da locução) e que deve construir o território por meio dessa falha. (...) alguém cuja enunciação se constitui através da própria impossibilidade de atribuir a si um verdadeiro lugar, que alimenta sua criação do caráter radicalmente problemático de seu próprio pertencimento ao campo literário e a sociedade. (MAINGUENEAU, 2006, P. 108)

As obras de Austen servem de inspiração para diversos escritores que se baseiam nas histórias criadas pela autora para criar as suas próprias. Além do fato de todas as obras terem recebido adaptações cinematográficas e/ou televisivas, o fascínio pela obra da autora inglesa é tanto, que sua vida também é abordada em diversos filmes, livros e documentários. Dado que nos parece muito relevante na medida que: 1. mostra como um autor (o que se diz sobre sua vida, seu modo de trabalho etc.) pode ser construído documentalmente ou romanceadamente, e todas as construções se entrelaçam constituindo o imaginário social sobre tal autor e sua obra; 2. mostra como as instâncias se estrelaçam: a produção de dizeres sobre a vida de Austen, ao mesmo tempo que institui uma circulação social de sua autoria (isto é, de sua relação com um conjunto de textos reconhecido socialmente como obra), recorre a aspectos biográficos, a traços da existência histórica da “pessoa” para compor esse gerenciamento da condição de “escritor”.

Em todo caso, é difícil afirmar com exatidão quando esse fascínio por Jane Austen começou, mas podemos observar que a maioria das releituras foram publicadas, principalmente, a partir de 2007, mesmo ano em que foram lançados dois filmes também baseados na autora: *Becoming Jane* (dirigido por Julian Jarrold), no Brasil *Amor e Inocência*, que retrata a vida de Austen antes de seu romance com Tom Lefroy e *The Jane Austen Book Club* (escrito e dirigido por Robin Swicord), no Brasil *O Clube de Leitura de Jane Austen*, que é baseado no livro homônimo de Karen Joy Foeler e é focado em um clube de discussão de livro formado especificamente para discutir os seis romances escritos por Jane Austen: os membros do clube encontram-se para tratar de experiências de vida que se assemelham aos temas dos livros que estão lendo.

A circulação em massa das obras da autora e de sua vida, como pode ser observado através dos dados apresentados em tabelas anexas a este relatório, não se limita à publicação de seus livros, ocorre também por meio de filmes de cinema e séries de TV, sejam baseados em suas obras ou em sua vida. Hoje, são pelo menos 27 adaptações de suas obras, dois filmes e três documentários a respeito da vida da autora. É possível, ainda, encontrar blogs e sites dedicados à autora em diversos países, além de grupos de estudos e clubes de leitura não acadêmicos, embora a autora e suas obras estejam bastante presentes em trabalhos acadêmicos como monografias, dissertações e teses. Em 2012 ocorreu um evento inédito no meio acadêmico brasileiro, um seminário focado apenas no conjunto de obras da escritora: o 1º Seminário Leituras de Jane Austen no Século XXI, realizado na Universidade Federal do Amazonas com duração de três dias. O seminário contou com a apresentação de diversos trabalhos; palestras sobre a formação do leitor do período em que as obras de Austen foram produzidas, educação da mulher e suas restrições sociais; leitura comparativa com autores brasileiros; e adaptação teatral de *Mansfield Park* (1814). Há, também, diversos produtos derivados: jogos de vídeogame temáticos, os famosos RPGs, ambientados na Inglaterra retratada nos livros de Jane Austen; há lojas com artigos personalizados e até eventos regionais dedicados à autora, tudo isso encontrado facilmente na farta dispersão dos dispositivos da web.

Recentemente a BBC - emissora pública de rádio e televisão do Reino Unido, com uma boa reputação nacional e internacional - lançou um jogo para *Facebook* em que os usuários da rede social podem passear pelos romances da escritora. Tudo começa com *Orgulho e Preconceito*, sua obra mais famosa; os jogadores devem encontrar o casal protagonista, Elizabeth Bennet e Fitzwilliam Darcy e convencê-los a voltar para o livro de onde saíram, além de cumprir várias tarefas como encontrar objetos escondidos pelo cenário e identificar os erros em cenas que misturam as histórias de seus seis romances. O jogo é intitulado *Jane Austen Unbound* e é encontrado através do link encurtado <http://migre.me/h1Dmm>.

Ever, Jane: The Virtual World of Jane Austen , disponível para download gratuito no site <http://www.everjane.com/> , é um jogo similar aos tradicionais jogos RPGs, que permite aos usuários interpretar o personagem no jogo , construindo histórias. Diferentemente dos RPGs a que estamos acostumados, em *Ever, Jane* se utiliza de fofocas para destruir os inimigos e auxiliar os amigos; nesse jogo, nada de espadas.

Os jogadores podem tentar ganhar a simpatia de Elizabeth Bennet dizendo mentiras sobre o seu rival, como Mr. Wickham faz, porém, o sistema pode denunciar o jogador que está espalhando muitos boatos. É possível, também, escolher se Marianne Dashwood prefere a felicidade ou a obrigação. Essa decisão vai ganhar a admiração das pessoas ao seu redor que gostam de sua leveza, mas vai ofender aqueles que, como Mr. Knightley, preferem que a escolha seja obrigação.

No jogo, traços de personalidade são avaliadas positiva ou negativamente através de atividades diárias, e o sistema de fofocas pode afetar sua reputação e status, assim como na sociedade descrita por Austen em suas obras.

Outro fenômeno relacionado a Jane Austen é o canal no Youtube chamado *The Lizzie Bennet Diaries* (<http://www.youtube.com/user/LizzieBennet>), onde uma jovem tagarela, uma versão moderninha de uma das personagens mais famosas de Jane Austen, assume o papel de narradora, conta suas peripécias e apresenta os demais personagens, sempre com aquela ironia que os fãs dos romances de Jane Austen já estão acostumados – o que, vale dizer, aponta para o entrelaçamento da instância *escritor* com a instância *inscrito*, de que trataremos adiante: o modo de escrita de Austen, características reconhecidas como seu estilo.

O canal surgiu em 2012 e seus vídeos já têm quase 2 milhões de visualizações cada um. E Elizabeth Bennet não é a única personagem de Austen a ganhar vida no Youtube, recentemente um novo canal, intitulado *Emma Approved* (<http://www.youtube.com/user/EmmaApproved>), mostra Emma Woodhouse, protagonista do livro *Emma* (1815) em uma versão atualizada, na qual a personagem fala sobre sua vida, sobre moda e diversos assuntos, além de estar presente em outras redes sociais como *Facebook*, *Twitter* e blog.

Além disso, todo ano acontece em Bath, cidade natal da autora, o *Jane Austen Festival*, um evento com uma programação intensa, com direito a recitais, bailes, desfiles da moda da época retratada nas obras de Austen e até aulas de etiqueta. Os participantes do evento se vestem “como manda o figurino”: mulheres com vestidos de cintura alta e mangas mais curtas, estampados delicados, tecidos leves e muita cor branca; os homens vestem roupas escuras, brocados dourados e golas rebuscadas. Eventos dedicados à autora não se limitam a seu país de origem, no Brooklyn, USA, desde 1979 há um encontro anual de fãs de Jane Austen, organizado pela JASNA, *Jane Austen Society of North America*. O encontro dura três dias e acontece todos os anos no famoso Hotel Marriott, reunindo mais de 700 pessoas vestidas “a caráter”, além de

oferecer diversas palestras sobre assuntos como poder, dinheiro e sexo – mais uma vez, os indícios da instância *inscrito* aparecem: estes são os temas que a JASNA entende serem aqueles de que trata Austen em sua obra.

No Brasil, os fãs de Jane Austen também contam com uma sociedade organizada, a JASBRA, *Jane Austen Sociedade do Brasil*, criada oficialmente em 2009, é resultado da confluência de interesses em torno de um blog dedicado a Jane Austen produzido por algumas fãs que gostam de se reunir e discutir as obras da escritora inglesa. Desde sua criação, a sociedade cresceu e hoje conta com quatro encontros nacionais onde são ministradas diversas palestras sobre os livros de Jane Austen.

Diante disso, é inevitável que nos ocupemos de pensar sobre o que justificaria esse fascínio pela inglesa que nem ao menos viveu o suficiente para presenciar o início disso tudo. A resposta talvez se deva ao fato de que, apesar de ter vivido e escrito há mais de duzentos anos, Austen e suas histórias continuam atuais porque sua forma de escrita e os temas de que trata têm características percebidas como pertinentes às inquietações do período que viemos. Os temas abordados em suas obras, os questionamentos acerca do papel social da mulher, da instituição familiar possivelmente ainda estejam presentes, mesmo que com algumas diferenças históricas, evidente mente. Embora estejamos no século XXI e, desde a época em que as histórias de Austen ganharam os primeiros leitores, muita coisa tenha mudado, mesmo que as mulheres tenham alcançado muitas conquistas, é possível dizer que ainda se espera que as mulheres desejem se casar e, muitas vezes, se preparem para isso ao longo da vida. Claro que a mulher vem ganhado cada vez mais espaço no mercado de trabalho, mas ainda há uma certa distinção entre “trabalho de homem” e “trabalho de mulher”, do mesmo modo que o fato de algumas mulheres proverem o sustento de seus lares enquanto os maridos cuidam dos filhos e dos afazeres domésticos pode causar estranheza. Seja como for, da perspectiva discursiva aqui assumida, esses traços semânticos das temáticas da obra de Austen percebidas como fundamentais, têm correspondência com traços formais, com o modo como escreve.

Sobre esse *modo de escrever* sobre o que se escreve diz respeito à terceira instância que compõe a condição paratópica da autoria: *inscrito*. Ela abrange o que Maingueneau denomina *ritos genéticos*, ou seja, os costumes e hábitos não-escriturísticos que caracterizam/afetam a produção de um autor, tanto quanto as características de sua escrita, como a ironia que mencionamos acima.

Assim, o fato de a autora ter publicado, em vida, seus livros sob o pseudônimo “By a Lady” é uma informação bastante importante. A escrita de Austen foi muito influenciada pela sociedade em que se inseria e, uma vez que esta mesma sociedade olhava com preconceito o fato de uma mulher dedicar-se à literatura ao invés de ocupar-se de seu casamento, ela precisou medir e camuflar palavras a fim de tornar possível a publicação de seus livros. Porém, fosse por medo de julgamentos ou pela simples decisão de não se expor, embora quisesse ter suas obras publicadas, o uso de pseudônimo em suas publicações não deixa de ser, no período, um posicionamento frente às dificuldades enfrentadas pelas mulheres que escreviam. Embora o pseudônimo “By a Lady” fizesse referência a uma mulher como autora dos livros, talvez a receptividade, principalmente por parte de leitores masculinos fosse diferente se as obras fossem acompanhadas por um nome e sobrenome femininos. Sobre isso, consideremos que

refletir sobre a emergência de obras é considerar o espaço que lhes dá sentido, o campo em que se constroem os posicionamentos: doutrinas, escolas, movimentos... Trata-se da construção de uma identidade enunciativa que é tanto “tomada de posição” como recorte de um território cujas fronteiras devem ser incessantemente redefinidas. (MAINGUENEAU, 2006, p. 151)

Além disso, compõem essa instância tudo o que se refere a tradução e revisão de textos, assim como a problemática relacionada às próprias editoras e às edições das obras de Austen, inclusive trabalhos como a produção das capas etc.. Afinal da perspectiva da produção dos sentidos com que trabalhamos, que inclui os modos de circulação dos textos, não podemos desconsiderar o fato de que a capa de um livro é algo de extrema importância, muitas vezes é através dela que um livro é ou não vendido.

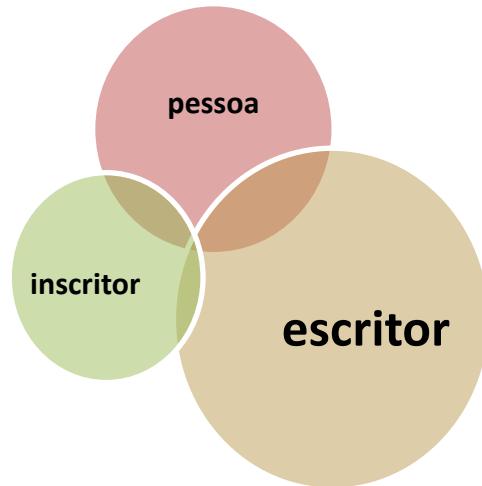
Importa registrar, por ora, que essa instância em que se articulam os ritos genéticos e a própria materialidade linguística na sua textualização, atualizando os discursos que serão percebidos como de efeito “feminista”, é a instância da inscrição, do trabalho textual propriamente dito, da lida com o material verbal, que será objeto de nosso próximo semestre de trabalhos, cujos resultados constarão no próximo Relatório.

Podemos dizer, então, que a instância *inscrito*:

(...) subsume ao mesmo tempo as formas de subjetividade enunciativa da cena de fala implicada pelo texto (...) e a cena imposta pelo gênero do discurso: romancista, dramaturgo, contista... O “inscrito” é, com efeito, tanto enunciador de um texto específico como, queira ou não, o ministro da

instituição literária, que confere sentido aos contratos implicados pelas cenas genéricas e que delas se faz o garante. (MAINGUENEAU, 2006, P. 136)

Assim, tendo apresentado a aplicação do modelo teórico, ilustramos o entrelaçamento das intâncias que compõem o funcionamento da autoria de Jane Austen através da representação gráfica a seguir:



Observando a representação apresentada, podemos notar que, diferentemente do modelo do entrelaçamento das instâncias constitutivas da autoria apresentado anteriormente, o tamanho das esferas varia de acordo com o *corpus* apresentado neste trabalho. Assim, a instância escritor, que diz respeito à circulação, ao modo de dispersão das obras de Jane Austen ganha certo destaque.

O universo feminino em Jane Austen e o possível feminismo

Em uma primeira abordagem do conjunto de títulos que compõem a obra literária de Austen, notamos que seus textos são protagonizadas por mulheres e essas personalidades femininas norteiam a leitura, seja por sua presença constante ou por sua importância em pontos nevrálgicos das narrativas.

Apesar de suas obras serem conhecidas por suas protagonistas, por vezes contrárias ao que é imposto pela sociedade inglesa do século XIX, também apresentam o universo feminino por meio de diversas outras personagens que caracterizam mulheres do período, e muitas dessas personagens são bem alegóricas, enfatizando, talvez, uma crítica à burguesia rural em que a autora vivia. A seguir, alguns exemplos

dessas várias representações da mulher, apresentando excertos da obra analisada na primeira parte deste trabalho de Iniciação Científica, *Razão e Sensibilidade* (1811), o primeiro texto da autora a ser publicado.

Comecemos pela personagem mais estereotipada presente nessa obra, a Sra. Jennings, uma viúva que tem apenas duas filhas (“apenas” porque isso era incomum diante das grandes proles características do período), e estas, estando já casadas, não ocupam mais a mãe, que, ociosa, dedica-se a fazer fofocas e tentar arranjar casamentos entre seus conhecidos. A personagem é descrita por Marianne, uma das principais personagens da trama, do seguinte modo:

Numa só coisa, porém, ela era constante ao tratar deste ponto: em evitar, quando possível, a presença da sra. Jennings, e no obstinado silêncio ao ser obrigada a tolerá-la. Seu coração se recusava a crer que a sra. Jennings tivesse qualquer compaixão pela sua dor. “Não, não, não, não pode ser”, exclamou ela, “ela não pode sentir. Sua gentileza não é comiseração; sua bonomia não é ternura. Tudo o que ela quer é matéria para fofoca, só gosta de mim agora porque posso fornecer-lhe o que quer. (p. 248)

Talvez a construção da personagem seja uma crítica ao papel social desempenhado pela mulher oitocentista. Uma vez que as moças são educadas única e exclusivamente para o casamento, seria natural que o único objetivo de uma mãe fosse casar as filhas e, tendo feito isso, sua existência não teria sentido se não o continuasse fazendo por outras moças solteiras. Assim, casar-se e casar mais moças é uma função primordial delegada às mulheres.

Há também personagens como a lady⁴ Middleton, uma figura apática que só se ocupa em preparar festas e jantares, e cuidar dos quatro filhos que também são o assunto de todas as conversas. Ou Fanny, a sra. John Dashwood⁵, cunhada das irmãs Dashwood, uma mulher mesquinha e egoísta que só pensa no próprio bem e nos próprios bens, para ela não há absurdo maior do que o marido nem sequer propor ajudar financeiramente a madrasta viúva e as irmãs. Ao descrever o encontro dessas duas personagens peculiares, Austen não poupa acidez ao afirmar que “havia uma frieza egoísta em ambas, que as atraiu mutuamente.” (p. 281),.

⁴ Única personagem a ser chamada de *lady*, seja através de referências feitas pelas personagens, como pelo narrador. *Lady* é um título nobiliárquico britânico, usado tanto para uma mulher que usufrua de seus direitos quanto para a “esposa de senhor”. A segunda opção é a que se aplica a lady Middleton, por ser esposa de Sir John.

⁵ A personagem Fanny é casada com John Dashwood, assim, no meio social é chamada pelo nome do marido, sendo chamada por seu primeiro nome apenas em família.

Há, ainda, personagens como as irmãs Lucy e sra. Steele⁶ não poderiam ser esquecidas neste trabalho, sua ignorância e comportamentos inadequados parecem caracterizar uma forte crítica ao modelo feminino da época, já que não cansam de falar em “bonitões” e, segundo o julgamento de Elinor, uma das principais personagens do livro, são “analfabetas, afetadas e egocêntricas”. Veja-se que às preocupações com rapazes e casamentos se opõe a mulher que vê aí, entre outras coisas, o analfabetismo. Um indício de que a futilidade das mulheres vai de par com a ausência de educação formal.

Quanto ao que se tem chamado de discurso feminista, podemos observar que, em momento algum na obra *Razão e Sensibilidade*, a autora explicita uma defesa dos direitos da mulher, assim talvez não seja adequado classificar a autora como *feminista*. Entretanto, em diversos momentos, seja através de diálogos ou por “falhas de comportamento” de suas personagens, há passagens em que é possível identificar uma forte crítica à sociedade patriarcal e ao papel social desempenhado pela mulher, indicando, possivelmente, uma insatisfação da autora em relação a sua própria condição de membro da sociedade rural inglesa. Essas “boas maneiras” características do período servem, na escrita de Austen, para conferir certa regularidade, certa forma à existência e é graças a elas que a vida cotidiana se eleva, estiliza: o que poderia soar um tanto cômico ganha dignidade.

Vejamos alguns excertos da obra *Razão e Sensibilidade* em que sua crítica à sociedade pode permitir uma leitura feminista, explicando, talvez, o fascínio que a obra exerce sobre os leitores ainda hoje.

Na trama em questão, além das personagens estereotipadas, podemos dizer que as críticas mais ferrenhas à sociedade ficam a cargo das protagonistas, as irmãs Elinor e Marianne Dashwood, principalmente da segunda, que é a mais nova e a mais intensa das jovens.

Na obra de Austen, todas as relações são norteadas por condições econômicas e status sociais, porém, através de Elinor, protagonista equilibrada e sensata, Austen parece apresentar uma crítica a esse fator determinante que possibilitava ou impedia a formação de círculos sociais e até matrimônios:

⁶ No período, a irmã mais velha era referida pelo sobrenome, como no caso de sra. Steele e sra. Dashwood (Elinor); as irmãs mais novas, por sua vez, eram chamadas pelo primeiro nome, como no caso de sra. Lucy e sra. Marianne.

Era contra todas as suas ideias que a diferença de riqueza devesse separar todos os casais que fossem atraídos pela semelhança de temperamento(...) (p. 25)

O casamento por conveniência é uma constante na obra de Austen. E a idade da mulher também é um fator importante na busca por um bom casamento: independentemente da idade do homem, uma mulher com idade superior a 21 anos já encontra dificuldades em encontrar um marido, por ter idade considerada avançada. Dessa forma, a certa altura da história, as irmãs se envolvem em uma discussão calorosa a respeito da idade ideal e aceitável de uma mulher em busca de matrimônio e das condições de um casamento tardio:

- Uma mulher de vinte e sete anos – disse Marianne, após uma pausa – não pode mais esperar sentir ou inspirar amor, e se sua casa não for confortável ou se suas posses forem modestas, acho que deva oferecer os serviços de enfermeira, em troca de sustento e da segurança de uma esposa. Casar com uma mulher assim, portanto, nada teria de inadequado. Seria um pacto de conveniência, e a sociedade ficaria satisfeita. A meu ver, não seria um casamento, não seria nada. Para mim, seria só uma troca comercial, em que cada um pretende lucrar à custa do outro.

- Seria impossível, eu sei – replicou Elinor - , convencer você de que uma mulher de vinte e sete anos possa sentir por um homem de trinta e cinco algo bastante próximo do amor, para torná-lo uma companhia agradável para ela. (...) (pp. 55-56)

No trecho transcrito acima, notamos que Marianne, assim como boa parte da sociedade inglesa da época, considera que uma mulher acima da idade ideal para o casamento só pode constituir matrimônio se desempenhar a função de enfermeira, ou seja, o marido, nessas circunstâncias, tende a ser um homem já de uma certa idade e com problemas de saúde. Vemos, assim, a descrição do papel social desempenhado pela mulher oitocentista. No referido diálogo, embora Elinor diga que não concorda com o ponto de vista da irmã, ela própria admite que o que pode haver entre uma mulher de vinte e sete anos e um homem de trinta e cinco é “algo bastante próximo do amor”, ainda que não possa ser o amor propriamente dito. Podemos relacionar esse trecho ao que Maingueneau (2006) de *posicionamento*, pois ao mesmo tempo em que o esperado, considerando todas as críticas sociais presentes no livro e na obra de Austen, era que o posicionamento de Elinor e Marianne fosse distinto do das outras mulheres da época, principalmente devido ao fato de elas diferirem das demais por seu letramento e acesso à cultura, não é o que acontece... No trecho apresentado, como em outros semelhantes, notamos uma certa hegemonia de um posicionamento, ainda que traços de dissonância apareçam ao longo da obra.

Veremos mais adiante que a personagem Marianne é contraditória, vive uma contradição. Ao mesmo tempo em que protagoniza diálogos como o que apresentamos há pouco, é uma das personagens cujo comportamento mais foge ao que era imposto pela sociedade da época, como constataremos em passagem a seguir.

Em uma época em que a civilidade de alta formalidade é essencial, as reuniões de salão, as visitas e a necessidade de conversas muitas vezes desinteressantes são comuns. Em *Razão e Sensibilidade* esse convívio social é fortemente abordado e, em muitas situações, Marianne se destaca por recusar o que se espera do comportamento feminino, como vemos no trecho a seguir, em que, estando as mulheres reunidas na casa de lady Middleton, Marianne deixa clara sua falta de interesse pelos protocolos sociais:

Lady Middleton propôs uma partida de *Casino* aos outros. Ninguém fez reclamação alguma, a não ser Marianne, que com sua habitual desatenção às formas de civilidade comum, exclamou:

- Sua Senhoria há de ter a bondade de desculpar-me, pois sabe que detesto jogar baralho. Vou até o pianoforte; não toco nada nele desde que foi afinado.
– E sem mais cerimônias, virou-se e caminhou na direção do instrumento. (p. 179)

Em outra situação, estando as irmãs Dashwood hospedadas na residência da sra. Jennings em Londres a pedido da própria anfitriã, a fim de passar algumas semanas, espera-se que o comportamento de Marianne vá demonstrar o mínimo de polidez e consideração, uma vez que a velha senhora as está hospedando durante as férias. Entretanto, o comportamento da jovem segue “inadequado” e “grosseiro”, de modo que, na maioria dos casos, cabe a Elinor tentar justificar a desatenção e falta de modos da irmã.

Ao voltar, a sra. Jennings veio imediatamente ao quarto delas e, sem esperar resposta para seu pedido de licença, abriu a porta e entrou, com um aspecto de real preocupação. – Como vai, minha querida? – disse ela com uma voz de grande compaixão por Marianne, que virou a cara sem tentar responder.

- Como ela está, sra. Dashwood? Coitadinha! Parece muito mal. Não é de se admirar. Ah, mas é tudo verdade. Ele logo, logo vai se casar... um sujeito muito ordinário! (...)

Elinor que estimava a delicadeza da sra. Jennings, mesmo que seus desabafos não raro fossem irritantes e às vezes quase ridículos, manifestou-lhe sua gratidão e retribuiu aquelas gentilezas que a irmã não podia fazer ou retribuir por si mesma. (pp. 237-239)

Ainda sob a hospitalidade da sra. Jennings, na situação de receber também a visita da sra. Ferrars e de Fanny, cunhada das irmãs Dashwood, estando envolvidas em uma discussão irrelevante sobre a idade e altura das crianças, respectivamente filhos de

lady Middleton e Fanny, apesar da notável falta de propósito do assunto, a única a expressar a própria indiferença é Marianne, mais uma vez ressaltando a “falta de modos”:

Elinor, tendo dado a sua opinião a favor de William, com o que ofendera a senhora Ferrars e ainda mais a Fanny, não viu necessidade de reforçá-la com nenhuma afirmação adicional. Marianne, ao lhe pedirem a sua, ofendeu a todos, declarando que não tinha opinião para dar, já que nunca pensara no assunto. (p. 287)

Durante todo a narrativa, Jane Austen não cansa de ressaltar a intensidade da personagem Marianne, uma jovem “sensível e inteligente, mas intensa em tudo: suas angústias, suas alegrias não tinham limites. Note-se a adversativa “mas intensa em tudo”, que indica que a intensidade é uma ressalva a sua condição de “sensível e inteligente”, a explicação introduzida pelos dois-pontos confirma o teor da ressalva ao registrar que angústias e alegrias “sem limites” não vão na mesma direção que características louváveis como sensibilidade e inteligência. Do que decorre a pergunta subentendida: de que sensibilidade e de que inteligência se trata? E a passagem se segue: “Era generosa, agradável, interessante: era tudo, menos prudente” (p. 13). Neste trechoda passagem que descreve Marianne, a explicação introduzida pelos dois-pontos permite dizer que ser generosa, agradável, interessante ou mesmo “tudo”, que adquire aqui, nessa graduação de que o pronome é um resumidor, não têm a ver com prudência. E o que seria a “prudência”? Segundo se pode depreender da passagem como um todo, tem a ver com a intensidade que aparece como ressalva.

Em todo caso, diante da intensidade de seus sentimentos, o leitor não é pego de surpresa. Em uma situação em especial, Marianne age com veemência e falta com o respeito à sra. Ferrars, acreditando que esta esteja ofendendo a irmã Elinor, ao elogiar o trabalho artístico de outra pessoa enquanto observa a tela pintada pela sra. Dashwood.

Marianne não pôde mais suportar aquilo. Já estava muito aborrecida com a sra. Ferrars e aquele despropositado elogio de outra pessoa, à custa de Elinor, embora não tivesse a menor ideia da intenção com que fora feito, levou-a a dizer de imediato, com veemência:

- Eis uma admiração muito esquisita! Quem é essa sra. Morton para nós? Quem sabe quem é e quem se importa com ela? É de Elinor que *nós* estamos falando.

E ao dizer isso, tomou as telas das mãos da cunhada, para admirá-las como mereciam ser admiradas. (p. 288)

Festas, reuniões musicais e bailes eram constantes na época, desenhavam a vida social tanto nos aspectos do lazer quanto nos mais especificamente da difusão de

informação, e, uma vez que as moças eram educadas com base na visão masculina de uma estrutura patriarcal, com o objetivo de agradar aos homens e conseguir bons casamentos, a aparência era fator primordial: as moças deviam estar sempre impecáveis, femininas e delicadas. Porém, mais uma vez nossa personagem se mostra indiferente ao que se espera de uma dama, principalmente sendo solteira, afinal as festas eram ambiente propício para conhecer bons cavalheiros:

Para essa festa, Marianne, completamente desanimada, descuidada quanto à aparência e parecendo igualmente indiferente a ir ou a ficar, preparou-se sem dar nenhuma mostra de esperança ou expressão de prazer. (p. 217)

Além da recorrente “falha de comportamento” de Marianne, ilustrando talvez uma crítica da autora às exigências sociais que recaíam sobre as mulheres, Jane Austen também não mede palavras ao esboçar as reuniões sociais do século XIX e suas conversas vazias e insignificantes. Na passagem abaixo, podemos notar uma crítica não apenas às mulheres, por sua condição de ignorância e falta de tato, mas também os homens, por, mesmo sendo tidos como os cultos, tendo eles acesso à educação, direito de ir à universidade, tratarem de assuntos banais e cotidianos, dando-lhes tanta importância e, muitas vezes, desprezando a falta desses assuntos por parte das mulheres, que não demonstram interesse por eles.

Quando as mulheres se dirigiram para a sala de visitas depois do jantar, essa pobreza ficou especialmente evidente, já que os cavalheiros haviam dado às conversas certa variedade, falando de política, de como cercar terrenos e amansar cavalos, o que agora estava acabado e só um assunto foi abordado por elas até chegar o café: a comparação da altura de Harry Dashwood e do segundo filho de lady Middleton, William, que tinham aproximadamente a mesma idade. (p. 286)

A ignorância feminina e a cultura machista tão fortemente intrincada na educação das mulheres é ainda reafirmada no trecho a seguir, em que a pena de Austen nos apresenta as impressões de lady Middleton sobre as irmãs Dashwood, que, por serem letradas e apreciarem a leitura, diferentemente da grande maioria das moças, são vistas com suspeita, com desagrado. Assim, a mulher que foge do modelo feminino hegemônico é negada pelas outras, é rejeitada.

Embora nada pudesse ser mais gentil que o comportamento de lady Middleton com Elinor e Marianne, realmente não gostava delas nenhum pouco. Uma vez que nenhuma das duas adulava a ela ou aos filhos, não acreditava que pudessem ser boas pessoas e, uma vez que elas gostavam de ler, imaginou que fossem satíricas, talvez sem saber exatamente o sentido da

palavra “satírica”, mas isso não tinha importância. No uso comum significava uma crítica que era aplicada sem maiores problemas. (p. 302)

Neste Relatório Parcial, apenas alguns excertos foram apresentadas, pois a análise detida, com a reflexão sobre o modelo das instâncias constitutivas da autoria proposto por Maingueneau, é nossa tarefa na segunda etapa deste trabalho. Assim, no Relatório Final também serão apresentados excertos e análises dos livros *Orgulho e Preconceito* (1813) e *Persuasão* (1818), nos quais procuramos verificar os expedientes que recorrem no que se pode chamar de discurso crítico de Austen, e que tem sido muitas vezes apontado como feminista.

Numa conversa como tantas outras, no oitavo capítulo de *Orgulho e Preconceito*, por exemplo, fala-se da irmã de Darcy, de como é alta, de suas qualidades, das habilidades femininas em geral, da importância da leitura, tudo isso entrelaçado a um jogo de cartas, ao jogo da corte, contexto situacional que, além de mostrar através do diálogo o modelo de mulher ideal ou um manual de tudo o que uma jovem solteira precisa ser e saber para conseguir um casamento, ressalta o cotidiano, que é cenário dos romances da autora. No mesmo capítulo, dando sequência ao mesmo diálogo, inicia-se uma discussão sobre as prendas necessárias à uma mulher. Transcrevo abaixo um trecho em que dialogam os personagens Charles Bingley (jovem cavalheiro de 22 anos, cujas características como generosidade, alegria e charme contrastam com as de seu amigo Darcy; Bingley é facilmente influenciável pela opinião das outras pessoas), Fitzwilliam Darcy (o protagonista masculino de Orgulho e Preconceito; aos 28 anos, é bonito, alto e inteligente, mas socialmente mais reservado, seu decoro e retidão morais são vistos por muitos como um excessivo orgulho devido ao seu status social), e Elizabeth Bennet (é a personagem principal, cujo ponto de vista norteia o leitor; aos 21 anos é inteligente, atraente, alegre e sincera, mas tem uma tendência a julgar as pessoas pelas primeiras impressões) e, esta última critica abertamente o modelo feminino de sua época:

- Então – observou Elizabeth – , a sua ideia de uma mulher prendada deve ser muito exigente.
- Sim, é muito exigente.
- Ah! Certamente – exclamou seu fiel assistente – nenhuma mulher pode ser considerada prendada se não superar em muito o que se costuma fazer. Deve ter um conhecimento profundo da música, do canto, do desenho, da dança e dos idiomas modernos para merecer a qualificação; e, além de tudo isso, deve possuir algo no modo de ser e na maneira de caminhar, no tom de voz, no trato e nas expressões, para que a palavra não seja merecida senão em parte.
- Tudo isso ela deve ter – acrescentou Darcy -, e a tudo isso ela deve acrescentar algo mais essencial: o cultivo da inteligência pelas amplas leituras.

- Já não estou surpresa por você conhecer só seis mulheres prendadas. Meu espanto agora é por você conhecer tantas. (pp. 52-53)

Em todos as suas narrativas, Jane Austen traz o cotidiano para o primeiro plano, assim, permanece atual por tratar sobre o “comum”, as relações interpessoais e temas presentes no cotidiano de famílias do interior da Inglaterra, como casamento e classes sociais, que não diferem muito dos da sociedade atual, inclusive na sociedade brasileira, embora tenha se passado tanto tempo.

A partir desse esboço analítico, que é tão-somente uma primeira aproximação dos dados colhidos, prosseguiremos nas análises orientadas pela noção de *paratopia criadora* acima delineada. Quanto ao aspecto da produção literária “feminista” de Austen, ou mesmo da leitura feminista possibilitada por seu discurso crítico, consideramos que “cada gesto criador mobiliza, queiramos ou não, o que o torna possível, e esse espaço só se mantém graças aos gestos criadores que ele mesmo possibilita” (MAINGUENEAU, 2006, p. 54). No quadro teórico assumido aqui, entende-se que isso ocorre porque o sujeito não é plenamente consciente, não é fonte dos discursos que atualiza; por isso, também, um texto, que é linearização de discursos, se presta a variadas leituras, muito embora, ressaltemos aqui, sejam *variadas* leituras, e não *qualquer* leitura.

Assim, pretendemos, na próxima etapa de trabalho, nos deter nos textos das obras *Orgulho e Preconceito* (1813) e *Persuasão* (1818), com o intuito de encontrar indícios do discurso crítico de Jane Austen que, segundo entendemos, permite uma leitura feminista de suas obras, ainda que ela própria não tenha assim se declarado.

Esses aspectos da inscrição do material linguístico serão articulados aos achados biográficos e aos dados relativos à gestão da obra, de modo que possamos ver em funcionamento a constituição da autoria. Assim, além dos textos de Austen, consideramos a grande circulação de suas obras, como foi apresentado anteriormente, e parece particularmente interessante observar as características do rumor público sobre Austen no ambiente virtual, notadamente nas redes sociais.

5. PLANO DE TRABALHO E CRONOGRAMA

Até o momento, a pesquisa foi desenvolvida conforme o cronograma proposto no Projeto Inicial. Houve a necessidade de aprofundar a pesquisa sobre o feminismo e

sobre a Inglaterra do século XIX, considerando os acontecimentos históricos e sociais do período, para melhor compreender a situação comunicacional em que a obra de Jane Austen se inscreve.

Simultaneamente, foi realizada a coleta de dados para a constituição do *corpus* de análise e diversas leituras teóricas, tanto as coletivas, no Grupo de Pesquisa Comunica – inscrições linguísticas na comunicação, quanto os fichamentos individuais e um levantamento de novos títulos, impulsionado pela necessidade de entender melhor o funcionamento da autoria e o discurso feminista.

Na próxima fase do projeto, focaremos mais enfaticamente análises da instância *inscritor*, selecionando excertos das três obras estudadas, *Razão e Sensibilidade* (1811), *Orgulho e Preconceito* (1813) e *Persuasão* (1818), com o intuito de apontar traços da escrita de Jane Austen, sempre entremeada por ironia e críticas sociais, que possam ser considerados indícios que autorizam uma leitura feminista, ainda que os textos não possam ser declarado como tal, assim como brevemente demonstrado neste relatório. Pretendemos compreender, com isso, o funcionamento da autoria, relacionando obra e sociedade, escritor e sociedade, escritor e obra, com vistas a compreender de que modo essas relações instituem uma imagem de autor.

Atividades	2014							
	J	F	M	A	M	J	J	A
Leitura da bibliografia básica e específica	-	-	-	-				
Finalização do levantamento de dados para a constituição do <i>corpus</i> (biografia, circulação, aspectos editoriais).		-	-	-				
Análise do <i>corpus</i>			-	-	-	-		
Participação em eventos com apresentação do projeto na modalidade pôster (*)		-					-	-
Elaboração do Relatório Final				-	-	-	-	
Entrega do Relatório Final (10/08/2014)								-

(*) VI Seminário Cenas da Enunciação; 18^a Jornada de Letras – UFSCar; Seminário de Produção em Linguística III; 62º Seminário do Gel, CIC UFSCar; outros

6. PARTICIPAÇÕES EM EVENTOS

Durante os seis primeiros deste projeto, houve a participação em alguns eventos como ouvinte com a apresentação de trabalho na modalidade pôster:

- 61º Seminário do GEL (Grupo de Estudos Linguístico), realizado na FFLCH-USP, em São Paulo nos dias 10, 11 e 12 de julho de 2013, com apresentação de painel (ANEXO V); o painel segue anexado em “elaborar relatório científico”, “outros documentos” na plataforma SAGE);
- II Seminário de Produção em Linguística, realizado na UFSCar, em São Carlos, promovido pela Coordenação do Curso de Bacharelado em Linguística e Bureau do Texto nos dias 2, 3 e 4 de outubro de 2013, com apresentação de painel (ANEXO VI)
- Minicurso *Aspectos institucionais da atividade de revisão de textos*, ministrado por Daniella Lopes Dias Inácio Rodrigues, em 3 de outubro de 2013, por ocasião do II Seminário de Produção em Linguística, realizado outubro de 2013, na Universidade Federal de São Carlos; a participação foi na modalidade ouvinte (ANEXO VII);
- XXI Congresso de Iniciação Científica (CIC), realizado na UFSCar de São Carlos entre os dias 14 e 18 de outubro de 2013, com apresentação de painel (ANEXO IX); o painel segue anexado em “elaborar relatório científico”, “outros documentos” na plataforma SAGE);
- XIV Simpósio Nacional de Letras e Linguística e IV Simpósio Internacional de Letras e Linguística (Silel), realizado na UFU, em Uberlândia, nos dias 20, 21 e 22 de novembro de 2013, com , com apresentação de painel (cujo certificado ainda não está disponível); o painel segue anexado em “elaborar relatório científico”, “outros documentos” na plataforma SAGE);

Participação em Grupo de Pesquisa:

O grupo de estudos COMUNICA – reflexões linguísticas sobre comunicação, que existe desde 2010, deu origem, em setembro de 2012, ao Grupo de Pesquisa Comunica – inscrições linguísticas na comunicação (CNPq). Entre minhas atribuições, além do desenvolvimento do projeto de Iniciação Científica, também colaborei na organização digital do blog grupodeestudos.comunica.blogspot.com, com a atualização de trabalhos dos membros participantes, presentes no painel do Grupo de

Estudos apresentado no II Seminário de Produção em Linguística, realizado entre os dias 2 e 4 de outubro de 2013, na UFSCar. (Cf. ANEXO IV)

7. SOBRE O DESEMPENHO ACADÊMICO E OUTRAS ATIVIDADES

Durante o segundo semestre de 2013, além das atividades realizadas para o presente projeto, foram cursadas as disciplinas obrigatórias e eletivas para o 6º período da graduação:

- (062766 A) Laboratório 6 - Ênfase I: Indústria, Língua e Processamento de Línguas Naturais;
- (062774 A) Laboratório 6 – Ênfase II: Meios e Materiais Instrucionais de produção e difusão dos textos;
- (062782 A) Laboratório 6: Ênfase III: Texto e Discurso;
- (062898 A) Texto: Produção e Circulação;
- (062960) disciplina extracurricular: Teorias Linguísticas e seus Métodos no Estudo da Leitura.
- (064696 A) Revisão de textos.

Esta última é uma disciplina de treinamento em Revisão de Textos, na qual houve a participação como ouvinte.

Como será possível observar no Histórico de Graduação encaminhado à FAPESP, todas as disciplinas obrigatórias e eletivas foram devidamente cursadas com bom aproveitamento.

8. BIBLIOGRAFIA

ALMEIDA, Jane Soares. **Mulher e educação: a paixão pelo possível**. São Paulo: Editora UNESP, 1998. 225 p.

AUSTEN, Jane. **Orgulho e Preconceito**. Trad. Roberto Leal Ferreira. São Paulo: Martin Claret, 2012. 480 p.

AUSTEN, Jane. **Persuasão**. Trad. Roberto Leal Ferreira. São Paulo: Martin Claret, 2012. 320 p.

AUSTEN, Jane. **Razão e Sensibilidade**. Trad. Roberto Leal Ferreira. São Paulo: Martin Claret, 2012.

AUSTEN-LEIGHT, J. E. **A Memoir of Jane Austen**. Londres: Bentley, 1871, 2^a edición.

BARROSO, Ivo. **Apresentação**. In: AUSTEN, Jane. *A Abadia de Northanger*. 1^a edição. São Paulo: L&PM, 2011.

BARROSO, Ivo. **Apresentação**. In: AUSTEN, Jane. *Persuasão*. 1^a edição. São Paulo: L&PM, 2011.

BARROSO, Ivo. **Prefácio**. In: AUSTEN, Jane. *Orgulho e Preconceito*. 1^a edição. São Paulo: L&PM, 2010.

BREUNIG, Rodrigo. **Apresentação**. In: AUSTEN, Jane. *Razão e Sensibilidade*. 1^a edição. São Paulo: L&PM, 2012.

CURCINO, Luzmara. **Os diferentes modos de compreender o mundo e suas distintas concepções de leitura** (Introdução tese de doutorado). 2006.

DUARTE, Constância L. **Feminismo e literatura: discurso e história**. O Eixo e a Roda, Belo Horizonte, v. 9/10, p. 195-219, 2004.

FERREIRA, Nilson Cândido. **Serenidade e paixão: a instabilidade de um ethos na divulgação científica neodarwinista**. In: MOTTA, Ana Raquel (Org.); SALGADO, L.S. (Org.). *Ethos Discursivo*. São Paulo: Contexto, 2008. 272 p.

FOSSEY, Marcela Franco. **Tom e Corporalidade na divulgação científica**. In: MOTTA, Ana Raquel (Org.); SALGADO, L.S. (Org.). *Ethos Discursivo*. São Paulo: Contexto, 2008. 272 p.
GARCIA, C.C. **Breve história do feminismo**. São Paulo: Claridade, 2011. 120p.

GATTI, Márcio Antônio. **“Gato escaldado morre” – provérbios alterados, ethos e humor**. In: MOTTA, Ana Raquel (Org.); SALGADO, L.S. (Org.). *Ethos Discursivo*. São Paulo: Contexto, 2008. 272 p.

KRONKA, Graziela Zanin. **O ethos do homem nu na imprensa homo-erótica**. In: MOTTA, Ana Raquel (Org.); SALGADO, L.S. (Org.). *Ethos Discursivo*. São Paulo: Contexto, 2008. 272 p.

LEITE, Miriam Moreira. **A outra face do feminismo**. São Paulo: Ética, 1984.

MAINQUENEAU, Dominique. **A Propósito do Ethos**. In: MOTTA, Ana Raquel (Org.); SALGADO, L.S. (Org.). *Ethos Discursivo*. São Paulo: Contexto, 2008. 272 p.

MAINQUENEAU, Dominique. **Doze conceitos em Análise do Discurso**. Vários tradutores, org. de Maria Cecília Perez de Souza-e-Silva e Sírio Possenti. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

MAINQUENEAU, Dominique. **Gênese dos Discursos**. Trad. Sírio Possenti. 2^a edição. São Paulo: Parábola, 2008.

MAINQUENEAU, Dominique. **O Discurso literário**. Trad. Adaila sobral. São Paulo: Contexto, 2006.

MORAES, Érika de. **Paixão Pagu: o ethos em uma autobiografia**. In: MOTTA, Ana Raquel (org.); SALGADO, L.S. (org.). *Ethos Discursivo*. São Paulo: Contexto, 2008. 272 p.

MOTTA, Ana Raquel. **Entre o artístico e o político**. In: MOTTA, Ana Raquel (Org.); SALGADO, L.S. (org.). *Ethos Discursivo*. São Paulo: Contexto, 2008. 272 p.

ORLANDI, E. **Os efeitos de leitura na relação discurso/texto**. In.: ____ Discurso e Texto: formulação e circulação. Campinas: Pontes, 2008.

POSSENTI, Sírio. **Sobre a leitura: o que diz a Análise do Discurso?** In: MARINHO, Marildes (org.). *Ler navegar: Espaços e percursos da leitura*. Campinas: Mercado de Letras-ALB, 2001.

SALGADO, L.S. **Escruta e leitura, elementos da autoria**. In: RIBEIRO, Ana Eliza (orgs.). *Leitura e escrita em movimento*. São Paulo: Peirópolis, 2010. 296 p.

SALGADO, L.S. Ritos genéticos no mercado editorial. Scripta (PUCMG), v. 14, p. 139, 2010.

SCHWARZER, Alice. **Simone de Beauvoir Hoje**. Rio de Janeiro: Rocco, 1986, 2ª edição.

SITES:

CRONOLOGÍA de Jane Austen. Disponível em <http://es.wikipedia.org/wiki/Anexo:Cronolog%C3%A3o_de_Jane_Austen>. Acesso em 28/10/2013).

DIVISÕES do feminismo, As. Disponível em <<http://jornalggn.com.br/blog/luisnassif/as-divisoes-do-feminismo>>. Acesso em 28/12/2013.

DESCOBRINDO Jane Austen. Disponível em <<http://descobrindojauneausten.blogspot.com.br/p/biografia.html>>. Acesso em 10/10/2013.

FEMINISMO. Disponível em <http://pt.wikipedia.org/wiki/Movimento_feminista>. Acesso em 28/12/2013.

FILMES, séries e documentários. Disponível em <<http://janeausten.com.br/filmes-series-documentarios-sobre-jane-austen/>>. Acesso em 11/12/2013.

JANE Austen: A brief biography. Disponível em <<http://www.janeaustensoci.freeuk.com/pages/biography.htm>>. Acesso em 20/11/2013.

MINI biografia de Jane Austen. Disponível em <<http://bibliotecajaneausten.com/biografia-minibiografia-de-jane-austen/>>. Acesso em 15/10/2013.

ANEXO I – Alguns livros baseados nas obras ou na vida de Jane Austen

Título	Autor(a)	Editora	Ano
A Jane Austen Daydream	Scott D. Southard	Madison Street Publishing	2012
A Memoir of Jane Austen (1869)	James E. Austen-Leigh	Oxford University Press	2002
A Walk with Jane Austen	Lori Smith	WaterBrook Press	2007
A Weekend with Mr. Darcy	Victoria Connely	Sourcebooks Landmark	2010
A Wife for Mr. Darcy	Mary Lydon Simonsen	Sourcebooks Landmark	2011
Aprendi com Jane Austen	Willian Diresewicz	Editora Rocco	2011
Austenland	Shannon Hale	Bloomsbury Publishing	2007
Becoming Jane Austen	Jon Spence	Bloomsbury Academic	2007
Captain Wentworth's Diary	Amanda Grange	Robert Hale Publishing	2007
Cinquenta Tons do Sr. Darcy	Emma Thomas	Bertrand Brasil	2012
Compulsively Mr. Darcy	Nina Benneton	Sourcebooks Landmark	2012
Confission of a Jane Austen Addict	Laurie V. Rigler	Dutton Adult	2007
Darcy goes to War	Mary Lydon Simonsen	Quail Creek Publishing	2012
Darncing with Mr. Darcy	Sarah Waters	Harper Paperbacks	2010
Definately not Mr. Darcy	Karen Doornebos	Berkley Trade	2011
Epic Fail	Claire LaZelnik	HarperTeen	2011
Eu fui a melhor amiga de Jane Austen	Cora Harrison	Editora Rocco	2011
Jane Austen ruined my Life	Beth Pattilo	Guideposts Books	2009
Jane Austen Stolen my Boufriend	Cora Harrison	MacMillan Children's Books	2011
Jane Austen: A Vampira	Michael Thomas Ford	Editora Lua de Papel	2010
Just Jane	Nancy Moser	Livingstone Books	2012
Me and Mr. Darcy	Alexandra Potter	Ballantine Books	2007
Midnight in Austenland	Shannon Hale	Bloomsbury	2012
Mr. Darcy Broke my Heart	Beth Pattilo	Guideposts Books	2010
Mr. Darcy Parries Forth in Love	John D. Ayers	CreateSpace Independent Publishing	2012
Mr. Darcy, Vampire	Amanda Grange	Sourcebooks Landmark	2009
Mr. Darcy's Diary	Maya Slater	Sourcebooks	2007
Mr. Darcy's Secret	Jane Odiwe	Sourcebooks Landmark	2011
Mr. Knightley's Diary	Amanda Grange	Berkley Trade	2007
My Jane Austen Summer	Cindy Jones	HarperCollins Publishers	2011
Para celebrar Jane Austen	Genilda Azevedo	Editora Appris	2013
Sass & Serendipity	Jennifer Zoegler	Delacorte Books for Young Readers	2011
Seducing Mr. Darcy	Gwyn Gready	Pocket Books	2008
Tea with Jane Austen	Kim Wilson	Jones Books	2004
The Dashwood Sisters Tell All	Beth Pattilo	Guideposts Books	2011
The Jane Austen Book Club	Karen Joy Fowler	Plume	2005
The Jane Austen Handbook	Margareth C. Sullivan	Quirk Publishing	2011
The Jane Austen marriage manual	Kim Izzo	St. Martin's Griffin	2012
The man who loved Jane Austen	Sally Smith	Kensington Books	2006
The man who loved Pride & Prejudice	Abigail Reinolds	Sourcebooks Casablanca	2010
The missing manuscript of Jane Austen	Syrie James	Penguin Group	2012
The private Diary of Mr. Darcy	Maya Slater	W. W. Norton & Company	2009

ANEXO II - Algumas adaptações cinematográficas e televisivas da obra e vida de Jane Austen

BASEADOS NA OBRA DE AUSTEN	Ano	Gênero	País
Orgulho e Preconceito			
Pride and Prejudice	1938	TV (BBC)	UK
Pride and Prejudice	1940	filme	USA
Pride and Prejudice	1952	TV (BBC)	UK
Pride and Prejudice	1958	TV (BBC)	UK
Pride and Prejudice	1967	TV (BBC)	UK
Pride and Prejudice	1980	TV (BBC)	UK
Pride and Prejudice	1995	TV (BBC)	UK
Pride and Prejudice	2005	filme	France/UK
Razão e Sensibilidade / Razão e Sentimento			
Sensy and Sensibility	1971	TV (BBC)	UK
Sensy and Sensibility	1981	TV (BBC)	UK
Sensy and Sensibility	1995	filme	UK/USA
Sensy and Sensibility	2008	TV (BBC)	UK
Emma			
Emma	1948	TV (BBC)	UK
Emma	1960	TV (BBC)	UK
Emma	1972	TV (BBC)	UK
Emma	1996	filme	UK/USA
Emma	1996	TV (Networks)	UKA&E
Emma	2009	TV (BBC)	UK
Mansfield Park			
Mansfield Park	1983	TV (BBC)	UK
Mansfield Park (No Brasil, Palácio de ilusões"	1999	filme	UK
Mansfield Park	2007	filme	UK
Persuasão			
Persuasion	1960	TV (BBC)	UK
Persuasion	1971	TV (BBC)	UK
Persuasion	1995	TV (BBC e outros)	UK/France/USA
Persuasion	2007	filme	UK/USA
A Abadia de Northanger			
Northanger Abbey	1986	TV (BBC)	UK/USA
Northanger Abbey	2007	filme	UK
BASEADOS NA VIDA DE AUSTEN			
Becoming Jane (No Brasil, "Amor e Inocência"	2007	filme	UK
Miss Austen Regrets	2008	filme	UK
Famous Authors: Jane Austen	1996	documentário	UK
The Real Jane Austen	2002	documentário	UK
Great Women Writers: Jane Austen	2002	documentário	UK

ANEXO III – A Circulação de Jane Austen na Web (Blogs/Sites/Lojas)

Blogs / Sites / Lojas	Link	País
All Roads Lead to Austen...	http://allroadsleadtoausten.com/	UK
AustenBlog	http://austenblog.com/	***
Austenised	http://austenised.blogspot.com.br/	***
Austenonly	http://austenonly.com/	***
Austenprose	http://austenprose.com/	UK
Biblioteca Jane Austen	http://bibliotecajaneausten.com/	Brasil
Descobrindo Jane Austen	http://descobrindojaneausten.blogspot.com.br/	Brasil
Hablando de Austen	http://hablandodejaneausten.com/	***
Jane Austen	http://www.jausten.it/	Itália
Jane Austen	http://www.jane-austen.de/	Alemanha
Jane Austen Board	http://austenforum.ipbb3.com	Alemanha
Jane Austen Brasil	http://www.janeaustenbrasil.com.br/	Brasil
Jane Austen Society of North America	http://www.jasna.org/	Canadá
Jane Austen em Português	http://janeausten.com.br/	Brasil
Jane Austen Fanfics	http://www.janeaustenfanfics.com.br/	Brasil
Jane Austen Festival Australia	http://www.janeaustenfestival.com/	Austrália
Jane Austen Gift Shop	http://www.janeaustengiftshop.co.uk/	UK
Jane Austen in Vermont	http://janeausteninvermont.wordpress.com/	USA
Jane Austen NL	https://www.janeausten.nl/	Hlanda
Jane Austen Portugal	http://janeaustenpt.blogs.sapo.pt/	Portugal
Jane Austen Regency World	http://janeaustenmagazine.co.uk/	UK
Jane Austen Reviews	http://janeaustenreviews.com/	***
Jane Austen Society NL	http://www.janeaustensociety.nl/	Holanda
Jane Austen Society of Australia	http://www.jasa.net.au/	Austrália
Jane Austen Society of Italy	http://jasit.altervista.org/blog/	Itália
Jane Austen Society of Japan	http://jasjapan.org/	Japão
Jane Austen Today	http://janitesonthejames.blogspot.com.br/	***
Jane Austen Tour	http://janeaustentour.com/	***
Jane Austen's Fiction Manuscript	http://www.janeausten.ac.uk/manuscripts/blpers/1.html	UK
Jane Austen's London	http://janeaustenslondon.com/	UK
Jane Austen's World	http://janeaustensworld.wordpress.com/	UK
Jane Odiwe	http://janeaustensequels.blogspot.com.br/	UK
Me & Austen	http://meandausten.blogspot.com.br/	Brasil
Mis Jane Austen	http://jausten.cba.pl/	Polônia
Miss Jane Shop	http://missjaneshop.blogspot.it/	Itália
Pride & Prejudice	http://www.prideandprejudice200.org.uk/	UK
The Jane Austen Centre	http://www.janeausten.co.uk/	UK
The Jane Austen Society	http://www.janeaustensoci.freeuk.com/	UK
The Jane Austen Society of Ireland	http://www.thejaneaustensocietyofireland.com/	Irlanda
The Secret Dreamworld of a Jane Austen Fan	http://myaustendreamworld.com/	Suécia
Джейн Остин, Шарлотта Бронте и другие	http://janeausten.ru/	Rússia

Luciana Salazar Salgado	Mercia Franco Fossene	
Luis André Neves da Brito		
Estudantes		Total: 9
Amanda Aparecida Chiaroatti	Lorena Gobbi Iamal	
Helena Maria Bracht da Silva	Luciane Russom Pousada	
Jesueline Roberta Ribeiro	Lilia Moraes Reim Menosval de Andrade	
Kelly Cristina Peixoto Nascimento	Thiavara Patricia Colferio	
Letícia Moreira Clares		
Técnicos		Total: 0

Linhas de pesquisa	Total: 1
+ Reflexões Irregularidades sobre comunicação	

Relações com o setor produtivo	Total: 0
---------------------------------------	-----------------

Indicadores de recursos humanos do grupo		Total
	Integrantes do grupo	
Pesquisador(es)		3
Estudante(s)		0
Técnico(s)		0

[Fazer](#)

ANEXO V – Certificado de participação do 61º Seminário do GEL



C E R T I F I C A D O

Certificamos que AMANDA APARECIDA CHIEREGATTI participou do 61º Seminário do GEL, realizado na Universidade de São Paulo Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, em São Paulo (SP), nos dias 10, 11 e 12 de julho de 2013, com apresentação do trabalho abaixo discriminado, em Painel.

Autor(es): AMANDA APARECIDA CHIEREGATTI

Título do trabalho: A paratopia criadora de Jane Austin: uma autora feminista?

Carga horária total do evento: 20 horas

São Paulo (SP), 30 de Agosto de 2013.

Ieda Maria Alves

Ieda Maria Alves

**ANEXO VI – Certificado de apresentação de trabalho, na modalidade Pôster no II
Seminário de Produção em Linguística (UFSCar)**



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
DEPARTAMENTO DE LETRAS

Certificado



Certificamos que **Amanda Aparecida Chieregatti** apresentou pôster referente ao trabalho intitulado **A paratopia criadora de Jane Austen: uma autora feminista?** por ocasião do II Seminário de Produção em Linguística, promovido pela Coordenação do Curso de Bacharelado em Linguística e Bureau do Texto, realizado entre os dias 2 e 4 de outubro de 2013, na Universidade Federal de São Carlos.

São Carlos, 04 de outubro de 2013.

Prof. Dr. Dirceu Cleber Conde

Coordenador

**AXENO VII – Certificado de participação em evento (II Seminário de Produção
em Linguística – UFSCar)**



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
DEPARTAMENTO DE LETRAS

Certificado



Certificamos que **Amanda Aparecida Chieregatti** participou do minicurso intitulado **Aspectos institucionais da atividade de revisão de textos**, ministrado por **Daniella Lopes Dias Inácio Rodrigues** no dia 03, por ocasião do II Seminário de Produção em Linguística, promovido pela Coordenação do Curso de Bacharelado em Linguística e Bureau do Texto, realizado entre os dias 2 e 4 de outubro de 2013, na Universidade Federal de São Carlos.

São Carlos, 03 de outubro de 2013.

A handwritten signature in black ink over a blue ink background.

Prof. Dr. Dirceu Cleber Conde

Coordenador

ANEXO VIII – Certificado de participação em minicurso



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
DEPARTAMENTO DE LETRAS

Certificado



Certificamos que **Amanda Aparecida Chieregatti** participou do II Seminário de Produção em Linguística, promovido pela Coordenação do Curso de Bacharelado em Linguística e Bureau do Texto, realizado entre os dias 2 e 4 de outubro de 2013, na Universidade Federal de São Carlos, totalizando 12h (doze horas) de atividades.

São Carlos, 04 de outubro de 2013.


Prof. Dr. Dirceu Cleber Conde

Coordenador

**ANEXO IX – Certificado de participação no XXI CIC (Congresso de Iniciação
Científica)**



Certificamos que o trabalho
A PARATÓPIA CRIADORA DE JANE AUSTEN: UMA AUTORA FEMINISTA?
de autoria de
Amanda Aparecida Chieregatti e Luciana Salazar Salgado
foi apresentado no XXI Congresso de Iniciação Científica da UFSCar.

São Carlos, 18 de outubro de 2013.


Profª. Dra. Heloisa Sobreiro Selistre de Araújo
Pró-Reitora de Pesquisa




Prof. Dr. Leandro Innocentini Lopes de Faria
Coordenador de Iniciação Científica e Tecnológica

